

Da Pista Ao Luxo

*Uma reportagem sobre a prostituição
no Distrito Federal*

Ana Luísa Rodrigues
Marisa Wanzeller

Orientador e revisor:
Fábio Henrique Pereira

Projeto gráfico e ilustrações:
Danilo Lins

Sumário

| | |
|------------|---|
| 5 | Epígrafe |
| 7 | Agradecimentos |
| 9 | Prefácio |
| 13 | Prólogo - Por que falar de prostituição? |
| 17 | Cenário da prostituição no Distrito Federal |
| 27 | Da pista ao luxo, mulheres por trás de uma profissão marginalizada |
| 49 | Casa noturna |
| 59 | Clientes |
| 73 | Prostituição e desvio |
| 93 | Políticas públicas e regulamentação |
| 113 | Afinal, o que é comunicar? |

À memória de
Cássio de Oliveira Campos

EPÍGRAFE

Ao relatar os motivos pela escolha da profissão, admite que a venda do sexo, para ela, é a verdadeira liberdade. “Minha carta de alforria”, compara. Vítima de assédio moral, agressão física e sexual por parte do pai desde os seis anos de idade, Bárbara saiu de casa aos 16, após relatar os abusos para a mãe e não ser compreendida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Fábio Pereira por aceitar nossa proposta e nos acompanhar ao longo deste semestre com olhar atento e incentivador.

Às nossas famílias, amigos e namorados, que nos deram base, incentivo e amor para que pudéssemos chegar até este momento. Em destaque, nossos pais e irmãos que nos acompanharam durante toda a trajetória acadêmica: Cássio, Maria do Carmo, Natália, Ronaldo, Rosângela, Tássia e Diogo.

Aos nossos amigos Camila Martins, Luan Alves e Natália Carolino, pelos quatro anos de apoio, trocas de experiências e momentos compartilhados.

Às professoras Elen Cristina Geraldês e Janara Kalline Sousa, por marcarem nossa graduação nos inspirando a ser comunicólogas éticas, responsáveis e cientes do nosso papel como profissionais frente à sociedade.

A Danilo Lins, designer gráfico que ilustrou e diagramou este projeto nos ajudando financeiramente.

À Juliana, Letícia, Bárbara, Veronika e Melissa, por compartilharem conosco suas histórias e intimidades que serviram de base para produção deste material.

PREFÁCIO

Ana Luísa é uma pessoa de personalidade muito marcante. Talvez por ser filha de pais militantes, sempre soube reconhecer no outro as suas dores e dificuldades, buscando fazer parte de lutas por mudanças sociais em prol de justiça, respeito e igualdade. Ainda criança, já ousava participar de debates em rodas de conversas entre familiares e amigos.

Nos estudos não foi diferente. Participativa e questionadora, fazia dos aprendizados, ferramentas para ampliar a sua visão sobre realidades diferentes da sua. A Universidade de Brasília (UnB) foi um dos ambientes que suscitou o contato de Ana com a diversidade e pluralidade de pessoas, contextos sociais, raciais e de gênero. “A UnB não é um lugar, é uma experiência”, costuma dizer ao se referir com orgulho à universidade.

Foi nesse mesmo ambiente, que Ana conheceu Marisa. Ligadas pelo fato de morarem em Sobradinho, cidade satélite de Brasília, desde o primeiro semestre criaram uma relação de amizade que ultrapassou a vivência acadêmica.

Muito interessada em seu desenvolvimento intelectual, Marisa sempre teve uma queda pela área do jornalismo. O fato de poder conhecer e contar histórias, a fazia ver a comunicação como mecanismo fundamental de diálogo e evolução coletiva. Além da rotina universitária, estágios e cursos foram parte da carreira da estudante, que não mediu esforços para ampliar seu conhecimento acerca do seu papel como comunicóloga na sociedade.

Resultado de uma trajetória acadêmica trilhada em parceria, este livro espelha o crescimento pessoal e profissional das escritoras ao longo dos anos de graduação. Ao abordar o contexto de prostituição no Distrito Federal, a escolha do tema as desafiou a imergir em um cenário de muitas descobertas. Certamente, temos aqui uma obra que provoca e desperta a sociedade para um novo olhar sobre uma profissão marginalizada, lembrada apenas como satisfação íntima de alguns.

Maria do Carmo Rodrigues Soares

★ ★ ★

PRÓLOGO - POR QUE FALAR DE PROSTITUIÇÃO?

Vinda de Unaí, Minas Gerais, em 1996, Maria do Carmo, aos 28 anos, chegava a Brasília. Recém aprovada no concurso da Secretaria de Educação, a mineira vinha com muita curiosidade, e também receio, de morar na tão quista Capital.

A busca por algum lugar para residir era a primeira missão de Maria, que orientada pelos classificados de jornais, buscava por um aluguel barato e bem localizado. Após algumas visitas a imobiliárias, a moça conheceu uma espécie de albergue na Asa Norte, em um dos edifícios da avenida W3. O lugar, com entrada proibida para homens, lhe interessou pela segurança. Foi ali que Maria conheceu o ambiente e muitas mulheres que atuavam com a venda do sexo.

Mãe de uma das escritoras deste livro, Maria e seus depoimentos fizeram com que a prostituição se tornasse o tema central deste trabalho. Foram muitos os desafios, as surpresas e os conhecimentos que a intimidade com o tema nos trouxeram. Esperamos que os leitores se sintam tão próximos dessa realidade quanto nós.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre a prostituição em Brasília e tudo que a cerca: as diversas frentes de atuação do ramo, histórias de profissionais da área, o perfil dos usuários deste serviço, debates acerca da regulamentação do ofício, políticas públicas e saúde das trabalhadoras.

Procuramos escutar vários lados da história. De um, acompanhantes

que trabalham em meio ao luxo e que recebem pagamentos exorbitantes, de outro, garotas que trabalham nas ruas, expostas a incontáveis perigos. O que não exclui, entretanto, o fato de ambos os lados sofrerem por atuarem às margens das normas da sociedade, carregando o estigma que envolve a profissão.

Ainda demos voz a instituições religiosas a fim de entender a visão que cada uma tem em relação à prostituição e às trabalhadoras do ramo. O senso comum de que essas organizações se utilizam do discurso moralista que estigmatiza a prostituição para condenar essa atividade, foi um dos fatores que incentivaram o nosso contato. Com o objetivo de averiguar esse posicionamento, procuramos representantes de doutrinas diversas e o detalhamento dessa experiência é evidenciado ao longo desta obra.

A apuração esteve voltada para mulheres atuantes na prostituição, sejam elas cisgênero ou transgênero, heterossexuais, homossexuais ou bissexuais. Na descrição das entrevistas realizadas com elas e com clientes utilizamos nomes fictícios, ou nomes utilizados a trabalho e com uso autorizado pelos entrevistados, a fim de preservar sua identidade.

O objetivo foi retratar histórias e realidades de prostitutas por meio de um recorte diferente do comumente encontrado na mídia hegemônica. Aqui, as mulheres não são apenas acompanhantes, prostitutas, garotas de programa ou “da vida”. Para algumas, a prostituição foi uma escolha pensada, para outras, a última alternativa, mas o que todas têm em comum é uma realidade além da profissão. São mães, estudantes, administradoras, sonhadoras, profissionais. Acima de tudo isso, são seres-humanos merecedores de respeito e de direitos.

Para retratar o cotidiano dessas mulheres foi preciso compreender o cenário no qual elas se inserem. Assim, fizemos uma rápida análise de como se dá a prostituição no Distrito Federal desde os primórdios, na construção da Capital, até os dias de hoje.

Conversamos com algumas trabalhadoras do sexo para ouvir suas histórias de vida, relatos sobre a profissão que exercem, rotinas e relacionamentos interpessoais. Isso permitiu que entrássemos um pouco no universo das profissionais.

Além das histórias e depoimentos de cada garota de programa entrevistada, pretendíamos conhecer também a realidade das casas noturnas de Brasília. Infelizmente, o orçamento nos privou de explorar todas elas, mas conseguimos visitar uma boate, a Alfa Pub e os relatos dessa experiência estão detalhadas no terceiro capítulo deste exemplar.

Buscamos nos aproximar de alguns clientes e entender se o que procuram no serviço é apenas sexo, como enxergam a atividade e as garotas que se relacionam. Como todas essas visões se inserem em um contexto de relações sociais, tivemos como base estudos que visam analisar essas interações, o comportamento tanto de quem se prostitui quanto de quem se coloca no papel de julgar o outro. Estudamos a sociologia do desvio e da estigmatização de práticas sociais.

Para finalizar o livro, falamos sobre Projetos de Leis voltados para a regulamentação da profissão, bem como as diversas opiniões que cercam esse debate. Pontuamos políticas públicas direcionadas às profissionais do ramo e o que existe de amparo à saúde sexual dessas mulheres.



CAPÍTULO UM

CENÁRIO DA PROSTITUIÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

O comércio sexual nunca esteve longe da cidade das curvas de Oscar Niemeyer e do modernismo de Lúcio Costa. Desde a construção de Brasília, a prostituição esteve presente, mesmo que em formato e funcionamento diferentes dos atuais.

A nova capital estava prevista desde 1891 com a primeira Constituição da República. Apenas com a eleição de Juscelino Kubitschek (JK), vigésimo primeiro presidente do Brasil, a cidade foi construída e inaugurada em abril de 1960. O cronograma de trabalho foi apertado, o presidente fazia questão de mostrar progresso ainda no seu governo, seguindo o plano “50 anos em 5”.

Homens vieram de vários estados do Brasil, como Minas Gerais, Goiás e São Paulo, para trabalhar na construção de Brasília. A maior parte das famílias ficava para trás, afinal, a Capital ainda se limitava à poeira e construções, nada que pudesse acolhê-las com conforto.

Ademais, não era interessante para o governo e para as construtoras que as esposas viessem acompanhando seus maridos pois o foco deveria ser total no trabalho. Erguer a capital do país, em tão pouco tempo, exigiu, no início, alguns sacrifícios dos pioneiros e, entre eles, a falta de sexo.

A fim de buscar mais informações sobre as origens da prostituição na Capital, visitamos o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF), entidade sem fins lucrativos que promove cultura, estudo e pesquisa acerca da história e geografia do DF. O IHG tem um programa chamado “Distrito Federal: Seu povo, sua história” que oferece cursos para estudantes e professores da rede pública de ensino. Após conhecermos um pouco do curso sobre a história da construção de Brasília, fomos em busca de informações da aula cujo tema era o papel das mulheres nos primórdios da Capital e a experiência daquelas que vieram para trabalhar com prostituição.

Ao chegarmos no local, nos deparamos com uma exposição de diversos registros sobre os primeiros anos de Brasília. Documentos do passado, fotos em preto e branco, máquinas antigas, papéis velhos e amarelados formavam o acervo em exibição. Andamos por ali, interessadas em encontrar algo sobre prostituição, mas, sem sucesso, descemos as escadas à procura de alguém que pudesse nos orientar.

Dois professores do Instituto conversavam. Quando notaram nossa presença, nos receberam muito bem. O homem se mostrou interessado em ajudar, ainda que, com pesar, tenha nos informado que a aula sobre o tema procurado acabara de ser realizada, dias atrás. Ao perguntarmos sobre algum registro ou material que poderiam ter relacionado ao tema,

ele nos respondeu que, infelizmente, não tinham muita coisa, apenas os nomes de vídeos que norteavam as aulas ministradas. Anotamos os nomes dos curtas e seguimos a pesquisa por meio deles.

Candangas invisíveis

A saga das candangas invisíveis é um documentário de Denise Caputo que retrata, sob a voz das prostitutas e de alguns operários, como foi a realidade profissional dessas mulheres nos anos 1950, aqui em Brasília. O filme traz um olhar diferente para a história da construção da Capital ao falar sobre expectativas, frustrações e dificuldades enfrentadas por esse grupo de pessoas que ficaram à margem dos registros oficiais.

Em depoimento no curta-metragem, Perdiz, um dos narradores do vídeo, conta que, a princípio, só existiam cabarés para a elite local: mestres de obras, engenheiros e projetistas. Nada foi pensado para os operários, que acabavam por buscar esse tipo de serviço nas cidades do Entorno¹, como Luziânia e Formosa. “Com muito custo se convenceu – na época, quem governava Brasília era Israel Pinheiro –, a montar o cabaré depois da estrada de ferro do Núcleo Bandeirante”, relembra à Caputo.

“Quando saía pagamento, aquilo virava um inferno!”. No

1 O Entorno do Distrito Federal é composto por cidades pertencentes a outras Unidades Federativas, Goiás e Minas Gerais, mas constantemente atendidas pelo Governo do Distrito Federal devido à proximidade e locomoção de grande parte da população diariamente para a Capital, onde trabalham, estudam e movimentam o mercado. Em 1998 criou-se a Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno (Ride) pela Lei Complementar nº 94.

documentário, Perdiz se recorda da primeira vez que visitou a casa de prostituição admirado com a grande clientela. “Contei e tinha uns 300 homens na fila esperando para serem atendidos pelas mulheres”.

Noeme Luís, uma das antigas garotas de programa, confirma para as câmeras a informação: “Tinha dia que a gente tinha que pedir licença para a dona da casa porque não aguentava mais. Aquelas partes da gente inchavam”. Segundo a senhora, quando isso acontecia, a cafetina lhes medicava com uma pomada e as deixavam descansar por 40 minutos. Após a curta pausa, voltavam aos atendimentos. “Uma média de 60”, conta quantos homens passavam por ela ao dia. “Ali você ia até a hora que aguentasse”.

Como gerente de uma das casas de prostituição, Yone também foi entrevistada para o curta. Segundo ela, as meninas deviam estar sempre muito arrumadas (salto alto e meia - andar sem meia era como um descuido). Entre os frequentadores, muitos políticos, inclusive o ex-presidente Juscelino Kubitschek. “Sentou aqui onde estou”, comenta a respeito de JK. “Os seguranças ficavam lá fora esperando, mas ele não ligava para nada, era mulherengo”, conta à Denise Caputo.

Quando pronta, o fim dos prostíbulos na Capital foi repentino. “Foi de uma hora para a outra”, diz Noeme Luís. “O juiz mandou fechar e já entrou com os tratores derrubando tudo”. Para a senhora, o tratamento que receberam ao fim dos trabalhos foi de desdém. “E vocês, desapareçam!”, descreve nas gravações, como se as expulsassem.

Outra entrevistada por Caputo, também com nome de Noeme, relata como aconteciam os despejos: “Se a polícia visse na rua, prendia.

Enchiam os caminhões de mulheres e levavam para Alexânia², deixavam na estrada. Eles batiam demais! Foi muita covardia naquela época”.

A placa da Mercedes

O outro curta-metragem indicado pelos professores do IHG foi o *Poeira e batom no Planalto Central*. A obra, de Tânia Fontelene, reúne depoimentos de 50 mulheres que chegaram em Brasília na época da construção da cidade. Diferente do documentário de Denise Caputo, *Poeira e batom* não tem como tema central a prostituição nos primeiros anos da Capital. Neste projeto, fala-se de toda a atuação feminina entre os anos 1950 e 1960 no Distrito Federal. Desde as poucas mulheres que trabalharam nas obras àquelas que vieram para lavar roupa e cozinhar para os operários. Ou ainda as que foram convidadas para dar aula na primeira escola da cidade.

A ideia de narrar a construção de Brasília sob a voz feminina não poderia ignorar experiências de garotas de programa da época. Apesar de bem pontual, o documentário toca no tema entrevistando Yone (a mesma do curta *Candangas Invisíveis*), agora intitulada “Gerente de Casa de Encontros”, e outras duas mulheres não prostitutas.

Uma questão frisada no curto período de fala sobre o assunto é o distanciamento entre as famílias residentes em Brasília na época (que, em geral, se concentravam no Núcleo Bandeirante) e as prostitutas.

2 Cidade do Entorno, estado de Goiás.

“Era dividido, elas eram proibidas de virem para cá, para o Núcleo Bandeirante. Elas só frequentavam a Vila do Parafuso e a Placa da Mercedes”, conta Hilda Ribeiro, uma das entrevistadas.

A Vila do Parafuso é uma das várias comunidades criadas como abrigos para os operários que vinham de longe trabalhar na Capital. Os imigrantes, sem teto, montavam suas moradias nas proximidades das obras e, assim, formavam-se as vilas.

Já o lugar conhecido como Placa da Mercedes, carregava o apelido por conta de uma placa da Mercedes Benz, referência à marca alemã de automóveis. De fato, em uma das principais entradas para a capital, vinda de Goiânia, a marca colocou uma grande placa de boas-vindas. Também era uma forma de divulgação dos seus caminhões que, por sinal, naquela época e naquele lugar (com muita estrada de chão), eram de forte interesse popular. Assim, a placa virou referencial para quem queria se divertir em Brasília. Muitos operários se dirigiam ao lugar em busca de bares e prostitutas.

Curioso é saber que, ainda hoje, existe o local, agora nomeado oficialmente como Setor Placa da Mercedes (e, nas particulares abreviaturas brasilienses, como SPLM). Com o crescimento das cidades satélites, o Setor agora faz parte do Núcleo Bandeirante e não serve mais de ponto para garotas de programa, apenas como ambiente comercial.

Os novos pontos de prostituição

Assim como a Placa da Mercedes para os anos passados, hoje novos

elementos do cenário urbano marcam os locais de prostituição, por exemplo, o Setor Hoteleiro no centro de Brasília, a Coca-Cola, como referência à fábrica de refrigerantes localizada em Taguatinga – cidade satélite do Distrito Federal –, a avenida W3 Norte e o Conic, edifício no Setor de Diversões Sul. O funcionamento desse comércio varia de acordo com o local, sendo influenciado por questões de mobilidade e estrutura.

“Eu não posso misturar a prostituição da W3 com a prostituição da Coca-Cola, do pistão. Lá tem outras características”, explica a delegada adjunta da Delegacia Especial de Repressão dos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou Contra a Pessoa Idosa ou Com Deficiência, Cyntia Cristina de Carvalho. Segundo ela, diferente das atuações na avenida W3, na “Coca-Cola” existem cafetões e outros métodos de organização, incluindo muitas vezes, explorações sexuais. Portanto, para cada lugar, uma realidade: “Assim como no Rio de Janeiro é outro tipo de prostituição e em Goiânia também”, completa.

Ela nos conta sobre a dificuldade que existe para o Estado em ter controle sobre os eventos que de fato envolvam prostitutas, tendo em vista que a prostituição não se constitui em crime sem que haja exploração sexual por terceiros ou Casa de Prostituição. “Eu olhei ocorrência por ocorrência. Coloquei os termos até encontrar aquelas ocorrências que pudessem estar relacionadas”, explica a delegada ao justificar a falta de números que embasem a análise da prostituição no DF.

“Como rodar bolsinha na cidade sem esquinas?”, questiona Cyntia em sua dissertação de mestrado sobre a prostituição na avenida W3

Norte. Para chegar a uma resposta, a pesquisadora fez um estudo detalhado do comércio do sexo local. As “ruas largas e amplas, entrecortadas por muitas rotatórias, a prevalência de carros em detrimento de pessoas e a distância entre os mobiliários urbanos (...) influencia diretamente na dinâmica das relações sociais e, principalmente na prostituição de rua”, coloca seu trabalho acadêmico.

A ideologia de higienização dos espaços urbanos prevaleceu no processo de mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília. Era o momento ideal para construir junto à nova cidade, a moral social do país. A moralidade que cerca o mercado do sexo é algo marcado nos depoimentos sobre o atual contexto da prostituição no Distrito Federal. Eles reforçam a ideia de que, mesmo em outra conjuntura, a reclusão permanece.



CAPÍTULO DOIS

DA PISTA AO LUXO, MULHERES POR TRÁS DE UMA PROFISSÃO MARGINALIZADA

“Agora não dá porque a qualquer hora pode aparecer um cliente”, responde ao nosso convite para uma conversa, uma das muitas mulheres que se postavam nos estacionamentos comerciais da W3 Norte, em Brasília, em uma segunda-feira à noite. É fácil encontrar o contato de uma garota de programa. Ir aos pontos onde elas trabalham ou passar meia hora de busca em sites de divulgação, fóruns de debate organizados por clientes e grupos de *Whatsapp* é o suficiente. Fazê-las falar já é mais difícil. “Obrigada pelo convite, mas hoje é meu último dia nessa profissão então não tenho interesse”, responde uma delas ao nosso primeiro contato. “Não quero falar disso, espero que entendam e respeitem”, comenta outra, nos desejando sorte.

Entrevistas e conversas longas se tornam quase impossíveis devido ao horário incerto de atendimento. Foram vários encontros marcados, sem sucesso. Entre as longas esperas por garotas que não apareciam para conversar, Laís foi um dos raros casos que acabou dando certo.

Após algumas tentativas, a acompanhante de luxo, que divulga o trabalho em um dos sites mais seletivos da Capital, aceitou conversar às 20h30 em seu apartamento, localizado no Plano Piloto.

No horário marcado, o celular de Laís estava fora de área. Esperamos por mais alguns minutos e tentamos novamente. Ao atender, ela nos pediu para subir e conversar com sua amiga, pois tinha esquecido do nosso compromisso e teve de ir ao encontro de um cliente que surgiu de última hora. Cabelos loiros compridos, corpo robusto, calça jeans bem justa e chinelo, Letícia nos recebeu surpresa, como se não esperasse por visitas naquele momento. Sem muito jeito e com ar de quem não pediu por aquela situação, nos convidou para entrar. “Qual sua idade?”, perguntamos. “Vinte e oito”, respondeu. Assim a conversa seguia, com respostas rápidas e objetivas. A jovem nos contou que o apartamento era, na verdade, de Laís; Letícia e outra amiga pagavam para utilizá-lo a trabalho. Laís é casada e atua em horário comercial, de 7h às 18h, para que o marido não desconfie. A terceira colega, Gabi, trabalha durante o dia e Letícia, durante a noite.

O apartamento era bem pequeno. Com certa dificuldade, nós duas nos acomodamos em um pequeno sofá quebrado na sala. A nossa frente, Letícia se sentou em uma de duas cadeiras da mesa de quatro lugares que, encostada na parede, liberava uma folga para a passagem. Ao lado esquerdo, um quartinho, quase como um corredor, usado para que alguma das meninas se escondesse caso a outra chegasse com um cliente. A suíte principal fica mais ao fundo, mas não tivemos a oportunidade de conhecê-la. O banheiro, era como o de um apartamento qualquer. Pequeno, limpo e organizado, com alguns cosméticos e produtos de higiene no chão do box.

O telefone tocou e a jovem nos pediu para acelerar a entrevista. Um cliente solicitou o serviço e não poderia esperar por muito tempo. Continuamos, com pressa. A experiência de Letícia como profissional do sexo começou aos dezenove anos, ao ser abordada por uma mulher que lhe oferecia o trabalho e prometia “mundos e fundos”, como conta. O que aconteceu, na realidade, não foi bem assim. Segundo ela, além de muito explorada, metade do seu ganho ficava com a cafetina. Logo, bem como outras entrevistadas, a garota buscou trabalhar de maneira autônoma e, com o tempo, se acostumou com ofício. Hoje, assegura que “não é terrível como as pessoas pensam”.

Carta de Alforria

Essa visão positiva da prostituição, na verdade, é bastante comum entre as entrevistadas. Bárbara, outra acompanhante, admite ter se surpreendido com a realidade da profissão. “Eu pelo menos, achava que tinha que deitar com qualquer homem por causa de dinheiro, que tinha que usar droga, que tinha que isso e aquilo, e não é bem assim”.

Sem maquiagem, era bem diferente da foto utilizada em seu perfil no *Whatsapp*. Com short jeans, blusa regata e rasteyrinha, Bárbara se mostrou desde o início muito solícita. Pediu desculpas por não ter nenhum lanche para nos oferecer, não teve tempo de passar na padaria.

Desde as primeiras respostas, a garota descreve o seu ofício como uma forma de emancipação e empoderamento. Ao relatar os motivos da escolha pela profissão, admite que a venda do sexo, para ela, é a verdadeira liberdade. “Minha carta de alforria”, afirma. Vítima de assédio moral, agressão física e sexual por parte do pai desde os seis anos de idade, Bárbara saiu de casa aos 16, após relatar os abusos para a mãe e não ter sido compreendida. “Minha mãe é racista, e eu sou a única filha de cor mais escurinha dela”, revela o que acredita ser o motivo para a expulsão. Enquanto nos contava os fatos que a afastaram da família, ela levava a mão ao pescoço. “Ele tentou te sufocar?”, perguntamos. Bárbara responde que sim.

Ao relatar situações enfrentadas quando jovem em casa, a garota comenta que a adolescência foi muito conturbada. A vaidade, que aflorava com o passar dos anos, era motivo de violência física e verbal. “Ele não deixava eu fazer coisas que meninas da minha idade faziam”, comenta, referindo-se ao pai. No aniversário de 15 anos, lembra ter apanhado por usar um batom. “Eu não podia alisar o cabelo, passar chapinha ou tirar a sobrancelha”, diz.

“Quando se deu conta de que eram abusos?”, queríamos saber. Bárbara afirma que sempre soube que se tratava de algo errado pois, ao final de cada abuso sexual, o pai demonstrava remorso: “Ele pedia desculpas sempre que fazia”, comenta. “No início, eu achava que era uma forma de punição, como se eu tivesse feito algo de errado”, diz ao mencionar o crescimento e o conhecimento como precedentes fundamentais para que saísse daquela situação.

Ainda menina, passou por vários empregos ao sair de casa. Sem

condições de se manter por muito tempo sozinha, acabou vendo a prostituição como a melhor saída. Chegou a se classificar pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para um curso de psicologia, contudo, nunca realizou uma graduação por falta de tempo e dificuldade de conciliar a rotina.

O início na profissão também não foi fácil. Além de tímida e reservada, Bárbara não dispunha de recursos financeiros para um investimento inicial. Segundo ela, uma amiga que dava suporte na época explicou que era necessário alugar um apartamento durante a primeira semana de trabalho para ter onde atender os clientes. O aluguel dos cinco dias somaria 250 reais. “Eu não tinha nem o valor do dia, quem dirá o da semana”! Convencida pela colega a seguir com o contrato, Bárbara arriscou e, para a sua surpresa, a primeira noite lhe rendeu 1.200 reais. Na hora, disse: ‘nunca mais vou parar com isso!’”, nos conta rindo e fazendo um gesto das mãos para o céu.

Apesar da empolgação inicial, um trauma interrompeu a carreira de Bárbara por algum tempo. “Dois caras me pegaram, me levaram para o Lago Sul. Lá, me obrigaram a cheirar (cocáína), transaram comigo sem camisinha, fizeram sexo anal – eu não tinha costume – me bateram, fizeram um monte de coisas comigo. Botaram uma arma na minha cabeça e depois me abandonaram no final da Asa Norte de madrugada”. Ela já sofria de depressão e o estupro reforçou os sintomas da doença. Acontece que, simplesmente por ser prostituta, a maioria das trabalhadoras são vítimas de criminalidade nas ruas – “Fiquei com medo de repercutir e trazer problema para mim”, confessa, ao explicar o motivo de não ter denunciado a violência.

A hostilidade da noite

A insegurança para as mulheres que trabalham nas ruas é assunto recorrente. Sempre que perguntadas sobre dificuldades da profissão, elas são unânimes em apontar os riscos os quais estão expostas no local de trabalho. Juliana, uma acompanhante abordada por nós na W3 Norte, também conta que passou por situações de perigo. Certa vez, após terminar um programa no ambiente do cliente, o homem não quis pagar pelo serviço. “Eu pedi pra ele me deixar e, quando estava chegando perto de onde eu ficava, ele me empurrou do carro. Não parou o carro e me empurrou”.

Juliana fazia 36 anos de idade no dia em que conversamos e se vestia de forma mais discreta do que as outras garotas. Com cabelo cacheado, que cheirava a creme para pentear, vestia uma blusa folgada e de mangas curtas, shorts jeans e sandália baixa. Quando nos aproximamos, Juliana estava sentada abaixo da fachada do prédio e, pelo celular, assistia a *Grey’s Anatomy*, uma série de televisão.

Ela veio do interior do Goiás em busca de tratamento de câncer para um de seus quatro filhos. Ao chegar na Capital, a vida foi mais difícil do que esperava. “Eu não tinha dinheiro pra sustentar meus filhos, e foi a opção que me deram”, conta. Hoje, durante o dia, trabalha com “tudo o que aparecer”, por exemplo, limpeza como diarista em casas e venda de alimentos em portas de eventos.

Ao relatar a rotina de trabalho e os motivos de ter escolhido a prostituição, Juliana repete em vários momentos que o trabalho como profissional do sexo é passageiro. Ela também acredita que a maioria

das garotas que trabalham na rua fazem isso por necessidade. “Muitas estão aqui para pagar a faculdade, outras têm filhos e não conseguem emprego”.

É principalmente por causa dos filhos que Juliana trabalha dia e noite. “Fui mãe com 17 anos. Eu era casada, separei. Dois dos meus filhos são dele”, explica. Os outros dois vieram de um relacionamento que teve já em Brasília. Segundo Juliana, o pai é presente na vida dos garotos, embora não ajude financeiramente. “Seus filhos estudam?”, questionamos. “Todos eles, e ai de quem não estudar”.

Perguntamos ainda se os filhos sabem da atividade que Juliana pratica nas noites da Capital. Ela disse que sim e que encaram como um emprego normal. Apesar do receio inicial que teve antes de contar, a reação foi melhor do que esperava. “Eles falaram assim: ‘já suspeitava e não faz diferença, a senhora tá fazendo isso para que seja o melhor para nós, não tá fazendo mal a ninguém, não tá roubando, não tá matando”.

Diferente de outras entrevistadas, que diziam se manter na profissão para custear um estilo de vida caro, Juliana trabalha em busca de condições financeiras básicas para sustentar a família. “É porque preciso mesmo, não pelo fato de ‘ah, quero luxo”’. Ela é formada em administração e, no momento, estuda para concurso público com a pretensão de voltar ao seu Estado de origem.

Dinheiro e comodidade

Bárbara tem hoje uma rotina melhor do que antes, quando atuava

na “pista”. Ela agora trabalha em uma casa noturna reconhecida em Brasília, onde os programas custam, no mínimo, cinco vezes mais do que o que ela recebia pelos atendimentos da rua. Para se enquadrar aos padrões de luxo exigidos pela boate, Bárbara teve de rever seu linguajar, seu modo de se portar e mesmo a maneira de abordar os clientes. “Quando saí da pista, eu ainda não estava moldada para o nível da boate”. Agora o público não era mais aquele que passava de carro e escolhia a garota para o programa, mas sim, o que pretendia ser atraído, não só pela beleza, como também pela conversa e galanteio da acompanhante.

A elegância de seu atual perfil, gera um retorno financeiro considerável. Acompanhantes que se enquadram no estilo de Bárbara e de Letícia ganham, em média, 15 mil reais por mês.

Além disso, para aumentar a procura, elas também investem em sites. Letícia chega a gastar 800 reais por mês com divulgação: “Se não divulga, não trabalha, né?”. A localização centralizada do apartamento de Bárbara, no Sudoeste, região nobre de Brasília, também foi pensado para atender melhor os clientes. “Eles saem do trabalho e já vêm para cá”, diz Letícia. A localização permite que, uma simples desculpa como o trânsito pesado, seja suficiente para justificar o atraso na volta para casa para as esposas, por exemplo.

“Apesar de me impedir de fazer várias coisas, eu gosto da profissão”, afirma Bárbara ao listar anseios que não consegue realizar devido ao cansaço ou falta de tempo. Morar com o filho foi uma das coisas que teve de abrir mão. Atualmente, o garoto mora com o pai, também em Brasília. “Eu seria egoísta se o pegasse para ficar aqui e deixasse ele

mais com um estranho do que comigo, porque ele quase não ficaria comigo”, comenta ao ressaltar a falta de tempo devido ao trabalho. Não conseguir sair com amigos é um outro sacrifício. Além disso, reclama de situações em que tem de se explicar para outras pessoas. “Ninguém tem nada com isso e, por mais que eu não tenha vergonha do que faço, eu também não me orgulho”, esbraveja.

Mesmo com essas restrições, Bárbara acredita que o trabalho abriu portas para conhecer lugares que jamais teria ido se não fosse pela profissão. “Viajar, conhecer pessoas, estar em lugares finos e sofisticados, sem precisar pagar nada e ainda com companhias agradáveis”. O estilo de vida pesa muito na decisão de permanecer: “Eu me dou o luxo de contratar pessoas para arrumar a minha casa, de sempre comer fora, do meu cachorro ter *pet shop* toda semana... é uma vida de luxo, né?”. Bárbara mora com Billie Jean, um cachorro pequeno e branquinho, que usa uma charmosa coleira colorida com as cores do arco-íris. “Ele é homossexual, a coleira é para identificar. O nome é uma homenagem ao meu ídolo, Michael Jackson”.

Assim como Billie, ela também faz parte do grupo de Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersex e queer - LGBTIQ. “Sou bissexual”, afirma. Mas nem sempre Bárbara conseguiu entender sua sexualidade. “Desde pequena eu sentia atração por mulheres, mas achava que era loucura da minha cabeça porque eu me perguntava como posso gostar de mulher se eu gosto de homem”.

Há alguns anos, um cliente conseguiu um emprego de carteira assinada para ela em um banco renomado. “Eu fiquei uns oito meses, mas depois acabei voltando para cá. Eu não conseguia ganhar nem perto

(do que recebe hoje).... eu ganhava uns quatro mil reais”.

Ao falar sobre viagens a trabalho, Bárbara comenta que costuma ganhar mais quando sai de Brasília. “Quando estive em Paracatu, por exemplo, fiz 12 mil reais em duas semanas”, relembra, ao falar do período em que esteve no município do noroeste mineiro. “Já em Belo Horizonte, 22 mil em um mês. É muita grana”.

Para além da mordomia e do dinheiro, Bárbara ressalta o fato de se sentir bem com a ideia de que as pessoas pagam por uma relação sexual com ela. “Acho que esse negócio de cobrar, para mim, é um fetiche, sabe? Às vezes eu quero transar com o cara e ele também me quer, mas eu sei que se eu cobrar, ele vai pagar”.

Nas ruas, o discurso é parecido. Para Melissa, mulher transexual que atua no Setor Hoteleiro Sul, juntar sexo – algo que ela gosta de fazer – com dinheiro, é uma vantagem que só a prostituição lhe daria. “É bom se sentir desejada, né?”.

Natural de Cuiabá, Melissa se descobriu mulher ainda muito jovem. Seu processo de transição com hormônios começou aos 18 anos, após concluir o ensino médio. Apesar de já ter passado por algumas cirurgias plásticas (silicone nos seios e nas nádegas), a garota não tem interesse em tirar o órgão genital porque, segundo ela, é isso que atrai os clientes: “Mulher por mulher, eles têm em casa”, comenta. “Eles vêm aqui porque querem algo diferente”.

Quando questionamos Veronika, também transexual, mas atuante no Setor Comercial Sul (SCS), se a profissão lhe trazia algum sofrimento psicológico, a resposta foi rápida e objetiva: “O que me afeta psicologicamente é não ter dinheiro”.

Diferenças na profissão

Das casas noturnas para as ruas, a diferença salarial é grande. Enquanto nas boates o programa não custa menos que 500 reais – chegando a valer dois mil quando há pernoite –, na pista, eles variam entre 50 e 200. Os atendimentos também divergem. Para Bárbara, por exemplo, um serviço no carro é algo inadmissível. “De jeito maneira”, reage quando um cliente sugere ter uma relação no automóvel por falta de dinheiro para custear um hotel. Já Veronika, comenta que os atendimentos em carros são frequentes. Dentre os locais que ela costuma ir com clientes de carro estão o Setor de Clubes, o Setor de Embaixadas e estacionamentos de ministérios e de hotéis no centro de Brasília.

Veronika nasceu em Salvador e veio para Brasília aos seis anos de idade. Hoje, aos 40, ela trabalha para satisfazer sua vaidade. “Me manter eu não preciso. Minha mãe trabalha no Governo do Distrito Federal. Se fosse por ela eu não estaria nem aqui”, conta. Ela tem os braços musculosos, pernas torneadas, usava um vestido colado ao corpo que marcava bem as curvas. “Trabalho mais porque sou muito vaidosa, gosto de comprar roupa”.

Apesar disso, foi como garota de programa que Veronika juntou todo o dinheiro necessário para poder cursar, a partir de 2020, Design de Interiores. Depois da entrevista ela seguiu nos desejando sorte: “Tomara que a UnB não feche”. E continua: “A ONU não vai chamar ele para o negócio que vai ter essa semana sobre o clima do planeta”, conta, fazendo referência a uma polêmica do presidente Jair Bolsonaro

com a Organização das Nações Unidas³. “Qualquer hora ele coloca a gente numa guerra”.

Entre as experiências na profissão, Veronika chegou a trabalhar em outros países, o que lhe permitiu falar com fluência dois idiomas além do português: espanhol e italiano. Durante os três anos que morou na Europa, a garota de programa atuou tanto nas ruas, quanto com atendimentos viabilizados por sites. Os dois anos de estadia na Itália permitiu que ela negociasse um ponto de atendimento por dois mil euros. “Quando eu quitasse o ponto, ele era meu”, relembra. “Futuramente, se eu voltar, ele continua sendo meu”. Já na Espanha, os custos com aluguel, internet, energia e água eram quitados com o senhorio, que cobrava cinquenta por cento do valor de cada programa.

Trabalhar no exterior é uma experiência que faz os olhos de algumas garotas brilharem. Melissa só não foi ainda por falta de oportunidade. Já Bárbara, desistiu de última hora: “Eu ia para Paris neste ano, mas não deu certo porque eu não senti confiança nos agenciadores de lá”, lamenta. Porém, ainda não desistiu do sonho. “Eu estou pensando em ir para Londres em dezembro para conhecer e talvez morar lá. Isso, se eu não namorar”.

O que atrai as meninas não é algo inesperado. Além das oportunidades melhores e qualidade de vida, “o euro é mais alto né, amiga”, conta Veronika. Outra vantagem mencionada por ela, é que os clientes se comportam de forma diferente – e mais lucrativa para as garotas

3 Em setembro de 2019, a Organização das Nações Unidas rejeitou o discurso do presidente do Brasil Jair Bolsonaro na Cúpula do Clima, por falta de posicionamento e metas do Governo para a contenção do aquecimento global.

—, do que os brasileiros. “Lá é melhor porque os clientes viram fiéis a você, eles não procuram outras pessoas, se ele gostar de você ele fica só com você”.

Um mercado menos lucrativo

No Setor Comercial Sul, Veronika e as garotas que trabalham por lá compartilham a noite com pessoas em situação de rua. Segundo ela, isso atrapalha o serviço, ao impedir que motoristas parem por se sentirem inseguros. “Acham que a gente tem amizade com eles”, comenta. Ela conta que a profissão era muito mais rentável no início dos anos 2000. Para a baiana, são dois os principais motivos da queda na procura por acompanhantes nas ruas de Brasília. “Ah, minha filha, vou te falar”, comenta com ar de desânimo. “A primeira coisa que enfraqueceu a prostituição foi, nos meados de 2002/2005, não me lembro, mas foi quando criaram a lei seca. A segunda foi a famosa internet, a bendita da internet, quando inventaram *Orkut*”.

Assim como Bárbara, Veronika notou que as mídias sociais e aplicativos de relacionamento fazem com que os homens troquem o sexo fácil pago, por sexo fácil gratuito: “O homem prefere procurar uma travesti na internet que queira dar de graça do que pagar pra outra pessoa na rua”. “Internet é coisa do demônio”, conclui.

O interesse financeiro em relação à profissão é um ponto comum em todos os casos. “Não é um dinheiro fácil, mas é um dinheiro rápido”, pondera Letícia. Para Veronika, a partir do momento que se

passa a trabalhar com a venda do sexo, as garotas adquirem um olhar malicioso para relacionamentos. “Você vira uma pessoa mercenária”, enfatiza. “Quando você vê um cara e quer fazer aquilo momentâneo, você pensa ‘ah eu vou dar de graça sem tirar nada em troca?’”.

Algumas meninas já mantiveram relacionamentos sérios à parte da profissão. Melissa chegou a ter um namorado, porém, ele era muito ciumento e não aceitava o seu trabalho, nem tinha condições de sustentar financeiramente o luxo que a garota gosta de ostentar. Vestida com os seios à mostra, usava apenas um vestido - que lembrava uma meia arrastão -, uma calcinha e botas de salto alto durante a entrevista que ocorreu em seu ponto de trabalho. Muito bem maquiada, com brincos grandes e brilhantes, Melissa é vaidosa. “Quem banca o que a transexual quer são os clientes”, explica. “A gente gosta de salão, a gente gosta de comprar, gosta de roupa”.

Atualmente, Melissa está saindo com outro homem. Mas ele já é acostumado ao mundo da jovem, pois é o responsável por um site de divulgação de garotas de programa. “Quando a gente está ali é só a gente”, comenta para explicar que a atividade exercida nas noites de Brasília não influencia no relacionamento.

Veronika conheceu o ex-namorado em uma festa, mas a relação não deu certo já que ambos eram muito ciumentos. “Ele sabia da minha profissão”, conta ao revelar que esse não foi o motivo do término. “Ele demonstrava pra mim que aprontava, mas não admitia seus erros. Eu não aprontava e eu odeio mentira”.

Já Letícia, tentou esconder sua atividade dos parceiros, mas não teve sucesso. “Eles sempre descobrem e não entendem que é só uma

profissão. O último fez um escândalo lá na porta de casa”, conta.

Próximo ao ponto de trabalho de Juliana, há restaurantes, igrejas, oficinas e outros estabelecimentos comerciais. Em um deles, conheceu seu ex-namorado, com quem ficou por quatro anos. Nesse período, optou por se afastar das ruas, pois não considerava justo com o parceiro. “Por mais que eu ache que isso aqui é simplesmente um trabalho, que não passa disso”, enfatiza.

No dia da nossa conversa, o filho de uma amiga havia há pouco pedido Juliana em namoro. Receosa, conversou com a mãe do garoto para pedir sua opinião. “Ela falou: ‘Você é uma mulher guerreira, uma mulher batalhadora. Eu conheço a pessoa que você é e o que você tá fazendo é simplesmente porque você está desempregada’”. Ainda não convencida, pergunta à amiga: “Tá, mas e a hora que eu falar que eu sou puta?”. “Ele vai ter que entender”, foi a resposta

Trabalhadora do sexo com muito orgulho

Não encontramos nenhuma associação de prostitutas no Distrito Federal, enquanto as de Minas Gerais e da Bahia têm constantes menções em jornais e artigos. Na Capital, o que achamos foi a Organização Não Governamental Tulipas do Cerrado - Rede de Redução de Danos e Profissionais do Sexo do DF e Entorno. A entidade é liderada por Juma, redutora de danos, moradora de rua e trabalhadora do sexo “com muito orgulho”, como coloca.

O contato com Juma foi fácil. Por meio da página de *Facebook* do

Tulipas conseguimos seu *Whatsapp*. Logo tínhamos dia e horário marcado para uma conversa. Mas o compromisso foi esquecido e substituído por outro. No horário da entrevista, nossa personagem ministrava uma palestra para estudantes de psicologia da Universidade de Brasília (UnB) que fariam sua primeira ação como redutoras de danos no Setor Comercial Sul (SCS).

Juma atendeu nossa ligação enquanto palestrava: “Mana, eu esqueci de você. Corre aqui pro prédio da UnB”, respondeu, sugerindo que a encontrássemos em um dos imóveis da universidade, localizado no SCS. Desligou antes mesmo que pudéssemos tirar qualquer dúvida ou sugerir um novo horário – já que tínhamos entrevista marcada com outra garota logo mais, que por sinal, também não apareceu. Sem saber do que exatamente se tratava a atividade que acontecia, entramos e assistimos à palestra por convite da Juma.

Ela explicava às estudantes presentes o que era redução de danos. Enfatizou ser uma atividade “completamente diferente do assistencialismo”. “Assistir a alguém dando banho, dando sopa, fazendo o povo ajoelhar, rezar, falar que a pessoa não pode acender um cigarro perto dele porque ele é adicto – é um doente –, e achar que isso é redução de danos me incomoda”. “E ela ainda vai pra casa dela feliz achando que salvou minha vida”, ressalta.

Juma ainda contou um pouco sobre ações realizadas pelo projeto, apresentou, por fotos, pessoas em situação de rua que se mantinham pelo SCS, e se reapresentou brevemente, já que tinha contado toda sua história no início da palestra.

Fomos chamadas para conversar ao final. “O que vocês querem

mesmo?”. Explicamos novamente. “Eu não gosto disso de ser objeto de pesquisa acadêmica”, comenta como uma forma de mostrar que era muito mais do que isso. Nesse ponto, não poderíamos discordar.

A “invencível Juma”, como a jornalista Alexandra Kalogeras em um texto publicado na edição de julho de 2018 da *Revista Esquina*⁴ a qualifica, foi parar nas ruas de Brasília com seis anos de idade. Sua mãe morreu atropelada por um caminhão e, com medo da palavra orfanato, a menina fugiu. Dormia na Rodoviária do Plano Piloto, perambulava sozinha, até encontrar outras crianças na mesma situação e fazer amizades. Por um tempo, conseguiu frequentar uma escola do governo, mas a falta de um adulto responsável dificultou que continuasse os estudos.

Juma aprendeu a viver nas ruas e viu na prostituição uma forma de se impor naquele ambiente e, principalmente, de ser dona do seu próprio corpo. “Eu aprendi a usar as armas que tinha, minha palavra, meu corpo, minhas ideias”, conta em entrevista a Alexandra Kalogeras. Ao descrever os trabalhos que realiza frente à OnG, Juma enfatiza o significativo número de mulheres que se prostituem em situação de rua. “É muito difícil a gente falar da mulher em situação de rua, ou falar de redução de danos sem falar de profissionais do sexo”. Segundo ela, é ao correr atrás dos direitos dessas mulheres que paramos para enxergar o que elas são além do rótulo da prostituição. “Lembramos que são trabalhadoras, que são mães”.

4 KALOGERAS, Alexandra. A Invencível Juma. *Esquina*, julho 2018. V.2 n.1. Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Saúde sexual

Outro assunto estigmatizado pela sociedade é a saúde das garotas de programa. De acordo com Cyntia Cristina de Carvalho, em sua dissertação de mestrado em sociologia pela UnB *Narrativas sobre a prostituição feminina na W3 norte: construindo um dispositivo*⁵, o pensamento higienista retrata garotas de programa como “elementos perigosos” ou como disseminadoras de doenças venéreas – porém, todas as entrevistadas garantiram não transar sem preservativo. Os exames de HIV, assim como de outras doenças, são feitos a cada três meses. Bárbara ainda os mantém impressos ao lado da cama. “Se acontecer da camisinha estourar, eu mostro ali para o cliente ‘olha, está tudo certinho’”.

Veronika nos apresentou um medicamento disponível no Sistema Único de Saúde (SUS) desde janeiro de 2018⁶. “Eu tomo o PrEP, você sabe o que que é PrEP?”. À nossa negativa, responde: “É um novo comprimido que eles inventaram para você não pegar HIV. Eu tomo regularmente”. PrEP ou Profilaxia Pré-Exposição é um método de prevenção à infecção pelo HIV. De acordo com o Ministério da Saúde, a tomada diária de um comprimido impede a transmissão do vírus causador da AIDS.

Bárbara, além de se preocupar com a própria saúde sexual,

5 SILVA, Cyntia Cristina de Carvalho e. *Narrativas sobre a prostituição feminina na W3 norte: construindo um dispositivo*. 2016. 199 F., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016. <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22494>>, acesso em 30 de setembro de 2019.

6 <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/06/29/total-de-cadastrados-para-usar-a-prep-pilula-para-evitar-hiv-sobe-38percent-no-brasil-em-cinco-meses.ghtml>>, acesso em 30 de setembro de 2019.

demonstra cuidado e atenção com outras mulheres. “Um alerta para vocês, viu? Quando estiverem namorando, tomar cuidado, entendeu? Se cuidar”, explica. “Vai na ginecologista com frequência porque ela sabe até quando a gente não está com nenhum sintoma e está com alguma coisa. O sexo é muito bom, mas quando você tem mais cuidado ele é melhor ainda”. Baseado nas experiências da profissão e sobre o uso de preservativo, avisa: “As meninas sempre falam: Ah, mas o meu namorado não me trai?, mas gente, na dúvida, é melhor se cuidar”.

Relações e amizades

O convívio na pista e nas casas noturnas muitas vezes une as garotas. “Nem minhas amigas de infância vão chegar tão perto do que elas fazem por mim, do que elas são para mim”, comenta Bárbara sobre suas duas melhores amigas, Anita e Fernanda. Elas se conheceram na profissão e hoje contam umas com as outras para momentos de diversão, dificuldades e trabalho. Para exemplificar, Bárbara nos diz que o atraso em nosso encontro se deu porque passou em um restaurante para comer algo antes de ir para casa e o “cartão não passou”. “Liguei para as meninas, uma estava fazendo as unhas, quando terminou foi lá me socorrer”.

A diversão entre elas não fica reservada aos finais de semana. Para seduzir os clientes da boate, Bárbara às vezes atua com uma amiga nas boates, alguns clientes até pensam que elas já foram casadas. “A gente cria histórias, várias histórias! Essa do casamento já tem um tempinho

que a gente está falando”, comenta. As fantasias também ganham variações: “Falamos que ela é casada, que o marido sabe que ela faz programa, e que eu sou namorada dos dois. Outra vez, falei que sou casada e que o meu marido sabe que eu faço programa, às vezes falo que ele não sabe e que eu minto que estou em outro lugar”.

“Os caras vão pela fantasia”, fala, claramente se divertindo ao lembrar. “Eu viro uma atriz. Entrei na porta da boate, já não sou mais eu, é a Bárbara. E a Bárbara todo dia é uma mulher diferente”. Sobre as parceiras de atuação, conclui: “São pessoas incríveis, que vou levar para a vida! Somos muito unidas. A gente se entende”.

Juliana tem algumas amigas, mas prefere tratar por colegas, principalmente as que dividem o ponto com ela na avenida W3 Norte. No horário de expediente, elas conversam, passam o tempo juntas, mas aos finais de semana, Juliana tem outra vida e outras amizades.

Por outro lado, Veronika tem “uma afinidade muito boa” com as colegas de ponto, mas evita relações mais profundas. “Minha forma de viver e de trabalhar é diferente. Muitas delas se envolvem com roubo, droga, e eu não curto essas coisas”. “Eu não cheiro cocaína, eu não fumo maconha, eu não tenho vício nenhum”, completa.

Incentivo às drogas

“Você acredita que a profissão incentiva o uso de drogas?”, perguntamos a todas as entrevistadas. “Acredito, acredito. Mas cai quem quer”, responde Verônica. “Tem cliente aqui que vem com um quilo

de cocaína te chamando pra ir pro motel pra te pagar bem, eu não vou, porque eu tenho medo, eu tenho certo receio de acontecer alguma coisa, eu evito”. Para Juliana, isso é relativo, tem muito mais a ver com os princípios de cada um do que com o meio profissional. “Muitas vezes, pessoas usam e não são daqui. Usam mesmo por curiosidade em outros lugares, em festas e são policiais, são advogados”, revela.

Bárbara relata que alguns clientes fazem ofertas mais caras para as acompanhantes usarem drogas com eles. “A maioria paga dois mil reais para passar a noite”. Algumas vezes, a garota aceita a proposta: “A cocaína, para mim, é a pior de todas. Quando vou cheirar com um cliente, eu gosto de fazer as carreiras porque tenho o controle”.

Porém, nem sempre Bárbara soube respeitar o seu limite. “Já aconteceu de eu cheirar com um cliente e passar mal e aí me deu um surto. Minha amiga teve que vir aqui, ela é enfermeira, ela me internou aqui em casa porque eu não queria ir para hospital”. Hoje em dia, opta pela anfetamina. “Quinta-feira eu atendi um cliente que cheira, só que a minha amiga foi comigo. Então, ela ficou cheirando com ele e eu não cheirei. Graças a Deus! Eu tomei só uma bala e com bala eu já sou mais tranquila”.

Em contrapartida, Letícia acredita que o uso de drogas está relacionado a problemas psicológicos: “Não é como o povo pensa, com cliente e tal. A maioria usa essas coisas é sozinha. É muita pressão na cabeça e isso ajuda a esquecer”.



CAPÍTULO TRÊS

CASA NOTURNA

Enquanto procurávamos uma boate onde garotas de programa atuam, logo pensamos na Bárbara. Mantivemos o contato com ela e perguntamos se poderia nos ajudar a visitar a Vegas World Class Club, local onde trabalha todas as noites. A “Vegas”, como é chamada pelos frequentadores, fica na quadra 403 da Asa Sul de Brasília e é referência no ramo. Nossa intenção era entrar de graça ou conseguir um desconto no valor do ingresso que custava mil reais em outubro de 2019.

“Vocês poderiam ir disfarçadas, como se fossem para trabalhar”, sugeriu Bárbara. Teríamos de chegar ao local às 22h30, horário de entrada das meninas, e sair às 3h30, horário que o gerente libera quem não conseguiu vender o serviço. Bárbara nos acompanharia, auxiliando nas dúvidas. “Se a gente não chegar nos homens, não vão nos colocar para fora?”, questionamos. “Não, e se alguém chamar para a mesa, vocês vão, mas se quiserem levar alguma de vocês embora, falem que o preço é mil reais”, respondeu sugerindo um valor que espantaria alguns clientes.

Ficamos tentadas a seguir o conselho. Marcamos dia e horário.

De última hora, o receio foi maior que a curiosidade. Após ouvirmos vários relatos de garotas, sabíamos da exposição a várias formas de assédios diários e não saberíamos como reagir caso ocorresse conosco. Deixamos a ideia de lado e reconhecemos a necessidade de investir algum valor em troca da nossa segurança.

Plano B

Foi numa quarta-feira que decidimos visitar uma das várias casas noturnas que trabalham com acompanhantes em Brasília. Péssima ideia. Não imaginávamos que uma semifinal da Libertadores⁷ afastaria os clientes. Os poucos homens que estavam no estabelecimento - entre eles garçons e o próprio dono, ficaram grande parte do tempo entretidos com o jogo. Flamengo e Grêmio eram, na verdade, as atrações daquela noite.

Chegar à boate não foi muito simples. Apesar de ficar no centro da capital - Setor Hoteleiro Sul, no térreo de um dos hotéis da região - o estacionamento do edifício é pequeno demais para a demanda. Por isso, o fluxo de táxis e motoristas de aplicativos é muito intenso por ali.

Antes de visitarmos a casa, listamos e analisamos várias boates similares em Brasília. Chegamos a ir na porta da Alfa Pub em um outro dia e, ao perguntarmos o valor do ingresso, os homens que guardavam

7 A Copa Libertadores da América (também conhecida como Taça Libertadores da América) é a maior competição de futebol entre times profissionais da América do Sul. O torneio acontece desde 1960 e é organizado pela Confederação Sul-Americana de Futebol.

a porta do local logo nos corrigiram. “A entrada é ali atrás”, disseram achando que estávamos à procura da recepção do hotel. Quando afirmamos que o nosso interesse era mesmo na boate, a surpresa foi imediata: “Ah, sim”, responderam, com sorrisos.

A decisão pela Alfa foi por causa do valor. Enquanto algumas casas chegavam a cobrar mil reais pela entrada, a Alfa Pub ganhava 130 por cada cliente que frequentava o local, sendo o dinheiro revertido em consumação. O valor era até atraente se não fosse o preço alto dos produtos oferecidos lá dentro.

O estabelecimento abria às 21h. Às 21h30, entramos e fomos as primeiras a chegar. Nem mesmo as acompanhantes estavam ali. As mesas de madeira com quatro lugares estavam todas disponíveis. Alguns sofás ocupavam as laterais do ambiente. O balcão do bar se estendia de um lado a outro da boate. Garrafas de uísque, vodka e outras bebidas caras sobre prateleiras decoravam, junto com espelhos, a parede do lugar. Duas televisões estavam ligadas, uma exibia o jogo de futebol; a outra, um clipe de música. Nada sofisticado como imaginávamos ser.

Ao entrar, procuramos um lugar onde teríamos a melhor visão do ambiente e não ficaríamos tão expostas. Seguimos para os sofás ao fundo do estabelecimento. Os garçons não paravam de nos acompanhar, seja com os olhos ou mesmo fisicamente. Assim que nos acomodamos, já fomos abordadas por um senhor perguntando o que queríamos, por isso, pedimos o cardápio. Enquanto analisávamos as opções e valores, ele ficou em pé na nossa frente nos observando. “A gente ainda está decidindo e qualquer coisa te chama, ok?”, falamos com intenção de que se afastasse. “Fiquem à vontade”, respondeu, nos dando espaço

O ambiente não era grande e as paredes do fundo também eram cobertas por espelhos, assim vimos a abertura do jogo pelo reflexo da televisão. Em menos de cinco minutos o garçom voltou para saber se já queríamos pedir. Comentamos: “Ah, vocês vão passar o jogo, né?”. Empolgado e um pouco incisivo, ele falou: “Sim, venham sentar aqui na frente, vocês torcem pro Flamengo?”. Assim nos conduziu para a primeira mesa do bar – a mais próxima da porta de entrada e perto do balcão de atendimento dos garçons.

Entendendo o ambiente

Fomos ao *pub* com a ideia de comer ou ao menos petiscar alguma coisa, já que nos restava gastar a quantia da entrada com consumo. Porém, no cardápio, as opções para alimentação se restringiam a “Salaminho cortado”, “Tábua de frios” e “Queijo Provolone”. Sem muita opção, nos contentamos com a tábua de frios. “Hoje estamos com a cozinha fechada”, respondeu o garçom. O jeito era optar por alguma bebida. Uma dose de bananinha, cachaça doce com aroma de banana, 50 reais. Um espumante de 187ml, noventa. Os destilados, nem cogitamos! Decidimos pela *Heineken* – trinta reais a unidade – e o espanto foi quando o garçom chegou com um balde cheio de latas e não *long necks*. Quatro latinhas para cada e lá se foram os suados 130 reais. Estava explicado o valor revertido em consumação.

Assistíamos ao jogo na espera de alguma movimentação. Chegou a primeira menina: cabelos escuros e longos, top preto, saia jeans e salto

alto. Bem íntima dos garçons, cumprimentava a todos com abraços demorados, carícias e beijos. Em certo momento, um deles disse: “Vai lá trabalhar”, enquanto puxava o elástico do cós da saia da garota e olhava como quem avaliava sua calcinha. Ela sentou-se em uma das mesas e lá ficou.

O tempo passava e o Flamengo fazia alguns gols, depois anulados. Os garçons e outros homens não uniformizados, mas que pareciam trabalhar no local, comemoravam, sofriam, vibravam. Uma de nós, flamenguista, interagia. “Eu não acredito”, exclamou, reagindo ao lance. Um deles, com barba cheia e escura, blusa preta, calça jeans e tênis, passava comentando o jogo conosco. Vira e mexe algum garçom vinha puxar conversa. Então, se aproximou um que poderia ser nosso avô, simpático, sorridente, com óculos: “Você é vascaína, né? Aquele ali também é. O do lado dele é flamenguista doente”, referindo-se ao barbudo de blusa preta. “Ah, ele trabalha aqui?”, perguntamos. “É o dono”.

Todos no ambiente eram bem simpáticos, exceto um garçom, o de cabelos grisalhos. Ele ficava encostado no balcão, sempre com um olhar de desconfiança. Economizava sorrisos e assunto com os colegas, mas não faltava carinho e atenção para as garotas que chegavam.

No segundo tempo do jogo já havia mais meninas no local e apenas dois homens à procura de programa para a noite. Permanecíamos sentadas e olhando para a televisão. O garçom simpático chega, sorrindo de orelha a orelha, e coloca um bilhete sobre a mesa que ocupávamos: “O homem de bermuda branca no bar quer saber se pode sentar com vocês”, estava escrito. Viramos para ele fazendo um não com a cabeça. “Eu sabia que ele estava olhando muito pra cá”, uma de nós

comentou. Ficamos sem entender, já que vestíamos a mesma roupa que tínhamos ido trabalhar e, claramente, não estávamos de acordo com o padrão das demais meninas. Talvez fosse justamente por conta disso que despertamos o interesse daquele cliente. Nunca saberemos.

“Quem são essas?”

Também por não nos enquadrarmos ao estilo das demais mulheres do local, nos sentimos muito observadas. Tanto pelos funcionários, quanto pelos clientes e acompanhantes. Em algum momento, uma de nós perguntou, de maneira discreta para a outra “O banheiro deve ser ali, né?”. Logo um garçom se aproximou rapidamente dizendo: “É sim, primeira porta à direita”. Assim seguimos a noite.

Para ir ao banheiro masculino, passava-se em frente ao feminino. Este, tinha apenas uma porta principal. Separando o pequeno espaço com pia e espelho do vaso sanitário, havia apenas uma divisória de vidro quebrada. Nada de trancas, nem de privacidade. Uma de nós teve de usar a privada enquanto duas garotas trocavam de roupa, retocavam a maquiagem e conversavam.

“Nossa, só tem mulher aqui hoje. Com fé em Deus vai chegar mais homem depois que esse jogo acabar”, falou uma delas. Percebendo a oportunidade, questionamos: “Aqui costuma encher que horas”? Sem pestanejar, a garota respondeu com outra pergunta: “É sua primeira vez aqui”? Explicamos que sim, mas só estávamos observando, não fomos para trabalhar. “Ah, vocês estão pensando em fazer programa,

né”?. Deixamos pensarem que sim.

Continuamos a conversa: “E como funciona, vocês pagam pra entrar?”. “Não! Eu não acredito, vocês pagaram?”, questionam, perplexas. Elas nos explicaram que se você for mulher, basta pegar a comanda, entrar e sentar em uma das mesas. Se não consumir nada, não paga nada. Questionamos se o fato de estarmos desarrumadas não seria um problema, a resposta foi não.

A conversa continua e, na tentativa de conseguir mais informações, comentamos sobre a Vegas. “Vocês conhecem? Ouvimos dizer que os caras pagam mil reais só para entrar. Mas deve ser outro nível, né?”. Como toda moeda tem dois lados, não demorou para que as garotas pontuassem as desvantagens de trabalhar na boate na Asa Sul: “Já fui lá e as meninas marcam seu rosto, se não vão com sua cara, ficam falando mal”. “Lá é frequentado por muitos homens de Brasília, a chance de alguém te reconhecer é alta. Aqui, só dá turista, gente de fora”, completa.

Algumas horas a mais

Apesar da fome, resolvemos estender a nossa estadia por algum tempo depois do jogo ter acabado. A esperança era de que, como comentado pelas meninas, a clientela aumentasse após o Flamengo e Grêmio. Assim, resolvemos voltar para um dos sofás, onde não estaríamos tão à frente das demais mesas (e diante de tantos olhares curiosos) e ainda veríamos toda a movimentação da casa, bem viradas para a porta de entrada.

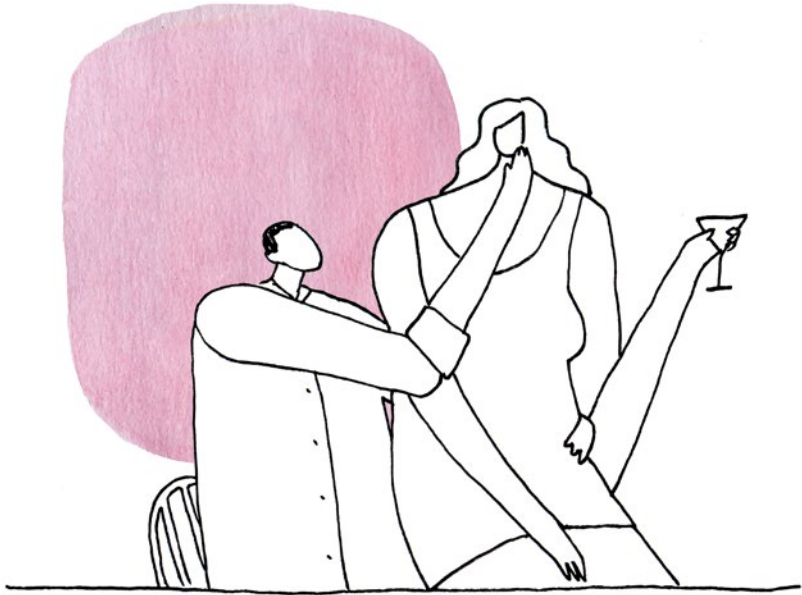
O homem de bermuda branca, interessado em nos fazer companhia, já estava muito bem acompanhado. Uma garota de programa com cabelos longos ruivos, short preto, cropped dourado e salto alto conquistou a atenção do garanhão. As demais revezavam lugares e disputavam o olhar de dois outros homens sentados em uma das mesas. Cerca de 25 mulheres para uma demanda reduzida a três homens. A noite realmente não era das melhores.

Algumas aguardavam sentadas, como se os clientes precisassem chegar para que a conversa fosse iniciada. Outras, não perdiam tempo. A atenção dos clientes era claramente disputada. Chegavam como quem não quer nada e, mesmo de pé, puxavam assunto com eles sentados. A exibição de seus corpos também era evidente. Ao se apoiar na mesa dos dois, os seios de uma das mulheres chamavam muita atenção com o decote de paetê. Os homens se aproveitavam, uma mão na cintura ou nas costas nuas das mulheres era o primeiro sinal de interesse. Ainda que às vezes esnobadas - pois os clientes preservavam algumas conversas só entre os dois - as meninas não desistiam da empreitada de conseguir um programa.

O tempo passava e outros clientes chegavam. Porém, no máximo dez homens apareceram por lá, o que levou a um clima de rivalidade entre as garotas. Os grupos de amizades estavam claramente definidos pela disposição do espaço: amigas sentavam juntas à mesa. Outras, ficavam sozinhas, espalhadas pela boate. Com a falta de homens, os garçons aproveitavam para tirar casquinha das garotas que pareciam entediadas.

A uma da manhã, resolvemos deixar o *pub* pois, no dia seguinte, teríamos uma reunião pela manhã para alinharmos pontos acerca deste

trabalho. Acertamos apenas os 120 reais (cada) de consumação, o que nos fez pensar que entrar de graça era mesmo uma boa possibilidade. Tarde demais. As *Heineken*s mais caras de nossas vidas já haviam sido consumidas.



CAPÍTULO QUATRO

CLIENTES

A oferta pelo serviço de prostituição só é grande porque a demanda também é, no entanto, os clientes representam uma parte desse comércio que a sociedade finge não enxergar. A moral inaceitável é a da prostituta, não a do cliente que usufrui dos benefícios.

Por se tratar muitas vezes de traições matrimoniais, realizações de fantasias sexuais, algumas possivelmente recriminadas socialmente, ou por preconceito em relação às mulheres trabalhadoras do ramo, esses clientes preferem esconder sua procura por sexo pago.

De acordo com as garotas entrevistadas, os clientes são predominantemente homens - mulheres aparecem nos relatos apenas quando se trata de relação a três. Entretanto, o perfil varia. Jovens ou velhos, ricos ou pobres – a depender da atuação da garota que presta o serviço –, policial, médico, político ou empresário, a característica que une a maioria deles é serem casados. Por esse motivo, o olhar sobre relacionamentos e traição é assunto recorrente neste contexto.

Coisa de pele

Os três anos na profissão fizeram com que Bárbara passasse a ver o sexo como algo carnal. Segundo ela, mesmo quando há um relacionamento amoroso com um parceiro(a), a relação sexual precisa ser feita também com outras pessoas. “Sexo é muito bom para fazer apenas com uma pessoa”, conta. “Quando a gente transa com uma pessoa diferente, parece que a gente está se descobrindo, parece que a coisa é diferente”, completa.

Segundo a acompanhante, o olhar dela sobre relacionamentos e traições é resultado de suas vivências e conversas com os clientes. “Tem cliente que paga para conversar”, diz a garota ao recordar cenas do *Bruna Surfistinha*, filme baseado na história de vida de Raquel Pacheco, ex-garota de programa e estrelado em 2011 pela atriz Deborah Secco. “Eu falava: ‘Não tem condição de uma pessoa gastar dinheiro para conversar’”, comenta. Hoje, Bárbara entende que é mais confortável para os clientes desabafar com alguém desconhecido, do que com alguém dentro do seu próprio convívio. “A gente acaba virando psicóloga”.

Nas conversas, muitos clientes se justificam por estarem à procura de sexo, mesmo quando são casados. Apesar de cada um analisar a situação com uma visão diferente, na maioria dos casos, afirmam não poderem contar mais com a parceira para ter relações sexuais dentro do matrimônio. Por isso, precisam pagar por fora pelo prazer. “Poxa, eu casei com a minha mulher porque eu amava ela mas, ficar sem uma das melhores coisas que têm em um relacionamento, e ainda ter que respeitar isso nela... e eu, fico como?”, desabafa um cliente, segundo

relatos de Bárbara. “Eu não casei com ela pensando que eu ia perder isso”. A garota de programa também admite que existem aqueles que traem apenas “para ficar sempre renovando o cardápio”.

Compartilhando lembranças, a garota nos conta que, em uma de suas viagens, um cliente a contratou, mas acabou tendo remorsos ao final. O homem, logo no início, pediu para que conversassem. “Você está pagando a minha hora, o que vamos fazer, você quem decide”, respondeu Bárbara. O sujeito contou que era natural do Espírito Santo, mas estava residindo em Minas Gerais há seis meses, longe da esposa. Segundo ele, mesmo com vinte anos de casados, ele nunca tinha traído a mulher. “Ele não tinha a necessidade de mentir para mim porque nem me conhecia”, Bárbara acrescenta. Embora não tivesse coragem de trair a parceira, o homem assumiu sentir falta de sexo. Presumindo que ele precisava de alguém que lhe despertasse interesse, a acompanhante resolveu fazer o papel de profissional e instigar o cliente. Foi aí que se surpreendeu. “Ele ficou todo ‘não, não, não’”, conta rindo, ao gesticular como se afastasse alguém de cima do próprio corpo. “Fiquei pensando, nossa que bonito”.

Há quem não veja a troca de dinheiro por sexo como traição e justifica. A procura por garotas de programa seria algo “único e exclusivamente feito para satisfazer o desejo sexual momentâneo”, conta Roberto, jovem de 25 anos de idade, cliente no mercado das garotas de programa. “Eu estava embriagado todas as vezes que procurei”. Por esse motivo, não tem certeza de quantas vezes utilizou o serviço. “Não faço a mínima ideia, pelo fato de ter apagões e por não ser bom de memória, mas eu acredito que seja, sei lá, entre cinco e sete, por aí”.

Desejos inusitados

São vários os relatos de situações marcantes ou atípicas com clientes. Veronika, por exemplo, se tornou amiga de um freguês. O homem costumava fazer até as compras do mês para a acompanhante. Já em outro relato, a garota se recorda de um programa em que acabou recebendo o pagamento com uma joia, avaliada em sete mil reais. “Nunca tinha visto aquele homem na minha vida”, relembra. “Foi o programa mais caro que eu já fiz, gata”. Para ela, o programa valeu a pena não só pelo valor embolsado, como também pelo caráter humilde e “gente fina” do cliente.

Enquanto conversávamos, Bárbara pede licença para responder um cliente no celular. “Ah, aparece muito disso também, menino novo, criança”, diz ao mostrar a conversa no *Whatsapp*. “Esse aqui mesmo, toda vez me pergunta quanto custa o programa”. Ao descer o *feed* de conversas com interessados em seus serviços, a acompanhante nos mostra alguns deles. “Olha o que esse aqui falou”, conta mostrando a conversa com um senhor que lhe dizia: “Quero ser sua putinha”. “Ele quer que eu coma ele”, comenta. “Aparecem muitos assim”.

Com o perfil classificado como Bandagem, Dominação, Submissão e Sadomasoquismo (BDSM), a garota de programa atrai clientes com os mais diferentes fetiches. Em um dos atendimentos, o desejo do homem era de se sentir submisso durante todo o programa. “Ele ficava me pedindo para dar ordens”, relembra. “Quería que eu fizesse cocô na boca dele”. A proposta não foi aceita: “Eu vou fazer lá no papel higiênico no banheiro e você vai lá e come”, respondeu. Sem ideia

do que mais ordenar, Bárbara pediu ainda que o homem fizesse uma faxina em seu apartamento. “Ele me pagou e ainda fez uma faxina na minha casa”.

Os atendimentos com casais também carregam muitas histórias. Casos de mulheres com ciúmes dos maridos, ou maridos com ciúmes das mulheres são comuns. Em uma das vezes, mesmo tentando ao máximo integrar a cliente na relação a três com o marido, Bárbara conta que a mulher se afastou e o homem, muito envolvido, nem se deu conta. A cliente, brava com a situação, bateu a porta do quarto para que o marido se atentasse a sua ausência. “Virei para ele e falei: ‘Olha, tem uma hora que ela saiu e você não percebeu’”. “Acho que depois eles devem ter brigado muito feio”, completa e nos explica que a mulher foi quem a contratou. O contrário também acontece. “Você falou que nunca tinha feito, mas está muito experiente”, fala um cliente para a parceira ao alegar que, como principiante quanto ao uso de serviços sexuais, ela estaria muito à vontade.

Inconveniências

Nossa conversa é novamente interrompida pelos clientes de Bárbara. O telefone toca. A acompanhante coloca no viva-voz para que possamos acompanhar a ligação.

– Alô? – Atendeu Bárbara.

– Oi, tudo bem? – Falou o homem do outro lado da linha, com a voz trêmula.

– Tudo, e com você? – responde Bárbara.

– Tudo bem também – responde, completando com algo que não conseguimos entender.

– Ahn? – Questiona Bárbara franzindo a testa.

Sem entender o que o rapaz queria, Bárbara desliga o telefone e fala:

– Está batendo punheta. Pelo tom da voz eu já sei! Vou bloquear.

Circunstâncias como essa atrapalham a rotina das garotas de programa que ficam sujeitas a passar por situações embaraçosas em público, conta Bárbara. A ligação atendida faz a acompanhante lembrar de uma situação ocorrida no mesmo dia. Bárbara estava no banco, resolvendo algumas pendências, quando recebe uma chamada de vídeo com o nome de Wellington. “Wellington é o nome do meu filho”, conta para justificar o motivo de ter atendido a chamada. Ela então se depara com um homem pelado se masturbando. “Já pensou se estou na frente de alguém?”, fala revoltada. “Constrangimento total”.

Para se unirem contra situações desse tipo, as acompanhantes têm um grupo no *Whatsapp* que reúne centenas de pessoas. Quando algum cliente as ofende, as meninas divulgam o contato dele no grupo para que todas o incomodem. “Elas começam a mandar foto de pinto”. Bárbara conta que, em alguns casos, as meninas chegam a encontrar o *Facebook* das esposas para denunciarem o marido. “Teve um cara que veio falar comigo me pedindo pelo amor de Deus para eu pedir para as meninas pararem”, completa com gargalhadas.

Hoje em dia, a clientela de Bárbara é selecionada, algo pela qual ela é grata. “No começo, como eu não conhecia, aceitava ficar com

qualquer cara”, conta. Sua maior dificuldade é lidar com homens que usam termos pejorativos, palavras de baixo calão e tratam as acompanhantes como mercadoria. “Esse tipo de cliente, graças a Deus eu não preciso atender mais!”.

Bárbara conta que já recusou um programa de cinco mil reais por não se dar bem com o freguês. “O cara era homofóbico, eu não estava gostando do papo, pedi para sair da mesa - até então, ele iria me pagar 800 reais. Só porque eu falei que não iria mais ficar, ele jogou cinco mil na mesa dizendo que se ele aumentasse a proposta eu ficaria”. Surpreendendo-o, Bárbara jogou o dinheiro na cara dele. “Nem por mil, nem por cinco, nem por dez”, exclamou. “Eu não vendo o meu caráter, eu vendo o meu sexo. A partir do momento que eu aceitar ficar com você, eu vou estar passando por cima dos meus princípios. E eu detesto gente do seu tipo, preconceituosa”, relata o que disse ao homem que tentava negociar.

Pensando nas inconveniências e preconceitos, perguntamos à Veronika se, como pessoa transexual, já havia sofrido preconceito por parte de algum usuário do serviço. “Não, nunca tive sorte pra pegar cliente assim pra fazer maldade comigo não”, responde. “Todos me tratam super bem, mas também eu trato eles bem né?”.

Trabalho e prazer

Ainda que não seja o objetivo principal das acompanhantes, alguns

programas acabam resultando em prazer não só para os clientes. O gozo pode ser teatral por parte das garotas na maioria das relações sexuais, mas não com todas elas.

A fim de explicar como vivencia algumas situações, Bárbara compara a atuação como trabalhadora sexual a outras profissões. “Vamos supor que você é um motorista de aplicativo”, começa. “Se o passageiro entra no carro e não dá nem um ‘boa noite’, mal conversa ou, quando conversa, trata mal, o motorista não vai gostar de atender aquela pessoa”. Segundo a garota, embora o profissional – seja ele qual for – não deixe de prestar o serviço, ele o faria de maneira muito mais confortável se fosse bem tratado pela clientela.

Isso se aplica também à prostituição, “Se o cliente é carinhoso, cheiroso, sabe tratar bem, sabe conversar...”, interrompe: “Minha filha, já cansei de gozar com homem feio - que jamais teria coragem de pegar na vida - só por me tratar bem”. Ao mesmo tempo, homens “gatos de doer” acabaram decepcionando a acompanhante “Não sabia transar, não sabia chupar, não sabia conversar, sabe?”.

Veronika mostra que essa realidade não condiz com as experiências de todas as profissionais do sexo. Com muita firmeza, a mulher garante não sentir prazer com clientes: “Não é à toa que chego em casa e a primeira coisa que faço é tirar minha roupa, jogar dentro do cesto e ir direto para o banho”. “Não estou falando que os clientes são sujos, a maioria é bem cuidado, está ali de terno e gravata”, explica. “Mas eu, pelo menos, acho nojento você transar com vários caras, até se eu não fosse de programa”. Independente do uso ou não de preservativo, o toque deixa Veronika desconfortável. “É a coisa do contato”, completa.

Paixões Proibidas

“É melhor, bem melhor, com certeza”, exclama Juliana referindo-se aos clientes que procuram prostitutas apenas para desabafar. Para ela, a atividade sexual com quem utiliza o serviço é meramente profissional. Apesar disso, a garota já se envolveu emocionalmente com um freguês fiel. Entretanto, o homem era casado e a relação virou apenas em amizade.

Há algum tempo, Bárbara estreitou laços com um rapaz que a encontrou por meio dos sites de divulgação do seu serviço. “Ele me contratou, chegou lá, ele se apaixonou por mim a ponto de falar ‘achei a pessoa da minha vida’”, conta. Os dois continuaram saindo até que a garota passou a não aceitar mais o dinheiro oferecido pelo sexo e pelas horas de companhia. “Eu percebi que ele ainda estava muito balançado pela ex, mas não tinha coragem de me dispensar, então eu tirei meu time de campo”, conta, explicando os motivos do fim da relação.

Na madrugada anterior à nossa conversa, Bárbara havia visto novamente o rapaz depois de quatro meses sem notícias. Ele a procurou por *Whatsapp* perguntando: “Você lembra de mim?”. “Eu brinquei com ele, falei ‘você não me é estranho’, ele chorou e disse ‘Você esqueceu de mim? Como você teve coragem?’”, conta dando risadas da história. Após os últimos compromissos naquele dia, Bárbara conta que foi ao encontro dele e passaram a noite juntos. “Hoje, ele foi fazer a transferência do dinheiro do programa para mim e falou: ‘Só para lembrar que eu te amo de verdade, não era só porque eu estava bêbado não’”.

Compartilhando experiências

Ainda no início da apuração, enquanto procurávamos por garotas de programa que topariam conversar conosco, entramos em alguns sites recomendados como locais onde teríamos telefones e detalhes sobre as meninas. Alguns dos sites indicados funcionavam como fóruns de debates entre clientes. Além das abas de apresentação das meninas, com fotos e descrição de cada uma (comum na maioria dos sites), existiam também abas para publicações dos clientes que usavam o portal para relatar os programas e avaliar, tanto o serviço prestado, quanto a acompanhante.

Dentre os portais encontrados estão o sócinquenta.com e o gp-guia.net. O primeiro deles é conhecido por apresentar acompanhantes que cobram apenas 50 reais pelo programa. No GP Guia, os clientes, com nomes fictícios, relatam a fundo as experiências com as meninas na aba Resumo dos Test Drives. O espaço permite que os usuários classifiquem os encontros como neutros, positivos, negativos ou ainda como uma “pisada na bola”. Antes de tudo, é detalhado a faixa de preço cobrada pela garota, se ela faz sexo anal ou não, sexo oral, se com ou sem camisinha e se beija na boca.

“Navegando pelo *Skokka*⁸ vi o perfil da Suellen Fachel, achei interessante e resolvi entrar em contato com a moça”⁹, iniciou o resumo um usuário identificado como Capilé. Após informar como foi o tra-

8 Site de divulgação de garotas de programa.

9 <<https://www.gp-guia.net/forum2015/viewtopic.php?f=68&t=204331&sid=1ea83ae9e80ad59cee8e46a6f0053f9>>, acesso em 13/10/2019.

tamento ainda por telefone, onde buscou a garota e para onde foram, continua com detalhes do sexo: “Ela beija bem e bastante, não refugou em momento algum, depois ajoelhou e começou a mamar com intensidade, babado e com boa pressão”. O cliente segue informando posições sexuais e cada acontecimento utilizando termos e expressões chulas como “cara de vadia”, ao se referir ao aspecto da acompanhante. Para finalizar, revela: “Pretendia dar mais uma, mas minha esposa estava ligando e não tive como ficar mais tempo”. “Menina bonita, tranquila e bastante safada. Paguei 200 reais e fiquei aproximadamente uma hora com ela. Em nenhum momento teve frescura ou refugou no atendimento”, finaliza a descrição.

Ao navegar pelos sites, encontramos ainda páginas em mídias sociais destinadas apenas à divulgação das meninas. “Sua melhor companhia está aqui, basta saber onde escolher!”, descreve a biografia no *Twitter* da Erótica Brasília¹⁰. Lá encontra-se diferentes meninas, algumas até com contas pessoais, e também clientes à procura de programa ou apenas de conteúdo erótico – como fotografias.

Com a voz, os clientes

Como relatado pelas meninas e explicado na dissertação de Cyntia Cristina de Carvalho, o anonimato dos clientes é crucial para o funcionamento do comércio do sexo. Assim, encontrar alguém disposto

10 <<https://mobile.twitter.com/eroticabrasilia>>

a falar e que assuma ser de fato utilizador do serviço, não é fácil. Como nos sentimos expostas, optamos por espalhar uma mensagem em grupos de *Whatsapp* na esperança de que alguém nos procurasse para conversar. “Estamos em busca de pessoas que já tenham usado ou utilizem serviços de garotas de programa. Seria uma conversa tranquila e sem julgamentos, respeitando o anonimato caso queira”, falamos em parte do texto. Apenas dois clientes nos procuraram.

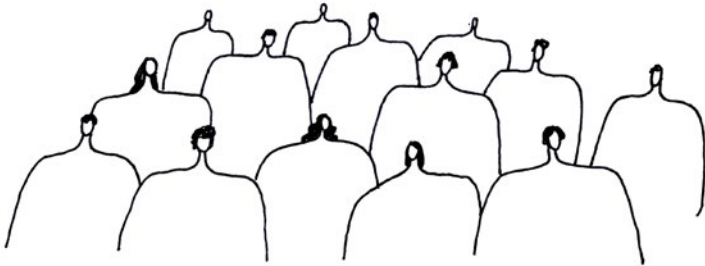
“Sinceramente eu acho um serviço como outro qualquer. ‘Ah eu tenho que trocar o chuveiro’, eu vou lá e pago alguém pra fazer isso, Da mesma forma, quando eu quero dar uma transada, eu pago alguém pra fazer isso, sacou?” , comenta Roberto. Para ele, a atividade é só mais um trabalho e as meninas são apenas prestadoras do serviço.

Ricardo, 23 anos, discorda: “Sexo é algo muito pessoal, e a mulher ter a coragem, a disposição de estar ali, vendendo essa intimidade, digamos assim, não dá para considerar isso um trabalho como qualquer outro. É diferente”, enfatiza. Ele procurou o serviço por convite de amigos. “A primeira vez que eu fui, eu não estava completamente sóbrio, meus amigos me falaram: ‘Vamos, vai ser massa’. Ficaram dando aquela pressionada”. Ele aceitou por conta da curiosidade e do desejo sexual. Depois da primeira experiência, Ricardo retornou às ruas uma outra vez.

Ele acredita que as meninas estão lá por necessidade. “Para poder ter dinheiro, ter uma vida, conseguir pagar as contas, conseguir sustentar, quem sabe, uma família”, pontua. Ainda diz que a diferença entre “acompanhantes de luxo” e “meninas da pista” está nesse ponto. “Já ouvi histórias, de garotas de programa de luxo que nem precisavam

disso, mas consideram um jeito mais fácil de ganhar dinheiro e não se incomodam com o serviço, então fazem. Mas também já ouvi histórias de mulheres que estão ali porque não conseguiam emprego, não tinham condições de trabalhar em determinados horários e por isso precisaram ir pras ruas pra fazer esse tipo de serviço”.

Para Roberto, são diversos os fatores que as levam à prostituição. “Pode ser por necessidade, pode ser por unir o útil ao agradável”. “Tem sim essas mulheres que falam ‘ah, se for pra ficar trabalhando atrás de um balcão ganhando dois mil reais eu prefiro ir pra esse mercado de prostituição e ganhar muito mais grana”.



CAPÍTULO CINCO

PROSTITUIÇÃO E DESVIO

“Por que você escolheu essa profissão?”. A pergunta que fizemos a todas as garotas entrevistadas parece, à primeira vista, inocente. Mas, quando analisada dentro de uma reflexão mais ampla, nos deparamos com uma outra questão: por que, afinal, é necessário uma justificativa para se prostituir? É como se esperássemos a resposta: “Eu não tinha como me sustentar”, como se algo ruim tivesse que ter ocorrido para que a pessoa, só assim e de último caso, recorresse à venda do sexo.

Como bem colocado por Cyntia Cristina de Carvalho em sua dissertação, “existem outros trabalhos ainda mais duros e arriscados, como aquele dos operários das minas de carvão, e não se faz perguntas desse tipo para esses profissionais, ou ao menos esse tipo de questionamento não está presente no imaginário social”. E reconhecemos que partilhávamos desse mesmo imaginário antes de conversar, escutar e conhecer, mesmo que pouco, as meninas.

Falar de imaginário social é esbarrar em normas que nem se pautam, necessariamente, em leis. Várias das regras aceitas socialmente vem de um senso comum baseado na moralidade de determinado grupo

de indivíduos. Segundo Becker, sociólogo norte-americano, são essas normas que traçam situações e comportamentos taxados como “certos” ou “errados” para os que as seguem.

Impossível discutir esse assunto sem mencionar o livro *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio*¹¹, do próprio Howard Becker. O autor explica o termo “*outsider*” como uma nomenclatura que, por hora, pode se referir a pessoas que não se encaixam à regra, ou mesmo ao próprio rotulador dos desviantes. De acordo com o sociólogo, o rotulador também assume o papel de “*outsider*” pois “a pessoa rotulada pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo”. Dessa forma, os supostos infratores passam a enxergar o rotulador também como um “*outsider*”.

Essa leitura reflete muitas das conversas que tivemos com as meninas. Bárbara, por exemplo, em certo momento de nossa entrevista, deixa claro que se incomoda com o fato de ter que explicar a escolha profissional para outras pessoas. “Tem muito homem que baba ovo de gente rica só para ter acesso a mulheres, lanchas, viagens; muitas mulheres que saem por causa de camarote ou grana; outras procuram homens ricos para se casar; algumas aceitam o marido ter outra na rua porque não querem trabalhar. Isso também é um meio de prostituição”, conta. Assim, em uma inversão de papéis sociais, a garota acusa seus rotuladores de serem também desviantes do que seria “certo” no senso

11 Obra de Howard S. Becker que tem como objetivo propor uma linha de entendimento para os variados contextos de análise do desvio. O livro inglês, de 1963, ganhou sua versão brasileira cinco anos mais tarde.

comum. Conforme o historiador francês Jacques Rossiaud, na obra *A Prostituição na Idade Média*¹², “a sociedade é que cria a prostituição à sua imagem, ou os grupos sociais é que geram formas de prostituição adaptadas as suas necessidades”.

Foi para entender melhor esse contexto, que entramos em contato com a Cyntia. Como já mencionamos, ela é autora de dissertação sobre o tema, usada como referência neste livro: *Narrativas sobre a prostituição feminina na W3 norte: construindo um dispositivo*. É também delegada-adjunta da Decrin¹³. “Existem vários tipos de prostituição. Em universidades, prostituição de luxo, essas meninas que ficam com esses caras, não precisam ser mais velhos, em troca de jantar, de Louis Vuitton, pra mim isso é prostituição do mesmo jeito”, reflete a delegada em entrevista, ao falar da rotulação dos próprios rotuladores. Em seu trabalho de mestrado, ela analisa ainda a estigmatização do termo prostituta, que acarreta em várias associações à pessoa que exerce a atividade, muitas vezes a crimes ou condutas que nem sempre são exercidas por ela. Como a venda e o consumo de drogas.

A delegada comenta conosco sobre a obra de Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero, *La Donna Delinquente - la prostituta e la donna normale*¹⁴,

12 VIEIRA, Albuquerque Patrício. Modalidades e identidades no cenário da prostituição feminina. 2014, v. 1. p. 1-10. <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_11_2014_18_22_01_idinscrito_4256_5d01816028798cb40f4ad-2223cfd0850.pdf>, acesso em 05 de outubro de 2019.

13 Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou Contra a Pessoa Idosa ou Com Deficiência. Como conta Cyntia, a Delegacia surgiu em 2016 por demanda popular.

14 O livro *La Donna Delinquente - La prostituta e la donna normale*, de Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero explica porque a mulher criminosa e a prostituta seriam “degeneradas

e explica: “A mulher delinquente é aquela que é louca e puta. Então, essas têm muito mais chances de serem criminosas, mas isso é o resultado de uma cultura extremamente machista”. Para Cyntia, essa cultura espera a submissão da mulher com relação aos homens e a aceitação do que é imposto a ela.

Sua puta!

“Quando se xinga uma mulher, se xinga de puta”, comenta Cyntia, na entrevista. Segundo a delegada, ao pesquisar por termos como “puta” ou “prostituta” nos registros policiais, a maioria dos casos relatavam situações que sequer envolvia alguma profissional do sexo. Isso porque, na maior parte das vezes, os nomes são banalizados e usados de maneira pejorativa e ofensiva entre as pessoas. “Ninguém xinga ‘Sua médica’, ‘Sua delegada’, ‘E aí, sua jornalista’, mas de prostituta sim. Por quê?”, reflete.

A depreciação do modo de vida e escolha profissional dessas mulheres também abre margem para uma discussão sobre a representação feminina na sociedade. Vários debates em torno da atuação de garotas de programa são levantados pela ótica do feminismo. Acontece que, dentro de um mesmo espectro, são vários os posicionamentos e perspectivas abordadas.

No artigo *Prostituição e a liberdade*, da doutora em Ciências Sociais

congênicas”, doentes. A obra, de 1893, retrata o pensamento dos séculos XIX e XX sobre as diferenças biológicas entre seres evoluídos e atrasados.

pela Unicamp, Elisiane Pasini¹⁵, o feminismo radical é pautado junto à sua visão de que a venda do sexo seria o retrato da subordinação feminina a anseios e desejos sexuais masculinos. Aqui, a prostituição voluntária é colocada como uma grande farsa pautada, na realidade, por violações aos direitos humanos. Ao considerar mulheres que decidiram trabalhar no ramo, acredita-se que isso nunca acontece por livre e espontânea vontade, mas sim por necessidades econômicas ou problemas psicológicos e traumáticos.

Elencado por Pasini, o feminismo radical, vertente feminista que analisa a raiz da opressão de mulheres por parte de homens, pauta a prostituição como um risco não só para a integridade física das mulheres que atuam no mercado (que se reduzem à mercadoria), como também à indenidade do próprio eu subjetivo dessas garotas. Ao passar o controle de seus corpos para clientes, a visão das profissionais também passa a ser modificada com o tempo, como se passassem a se enxergar com a obrigação de servir aos homens, lhes dando sempre prazer.

A respeito do olhar do feminismo radical sobre a prostituição, o feminismo liberal aponta críticas como a generalização do contexto o qual se insere cada mulher. Segundo a percepção liberal, que muito conversa com a nossa experiência com as meninas, para cada profissional, um olhar, uma razão, e uma história. A ideia de que a mulher é apenas vítima de uma dominação masculina, de uma difícil realidade financeira ou de problemas psicológicos e traumáticos, exclui o espaço daquelas que se prostituem por agrado. Outro quesito a ser observado é a restrição do que seria a relação

15 PASINI, Elisiane. Prostituição e a liberdade do corpo.<<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/elisiane.pdf>>, acesso em 06 de outubro de 2019.

sexual genuína a apenas àquela que fosse feita mediante afeto ou relação amorosa. Ademais, ainda segundo a visão liberal, o feminismo radical propõe uma imagem da mulher honesta e pura, nos colocando mais uma vez no âmbito de preceitos morais.

A visão feminista acerca da prostituição é assunto também abordado no trabalho de Cynthia. Segundo a delegada, o feminismo liberal levanta a bandeira da prostituição como fonte de autonomia financeira e econômica dessas mulheres, bem como de reafirmação e expressão da sexualidade feminina. Para as ativistas liberais, olhar as profissionais apenas como garotas submissas à masculinidade, seria o mesmo que rejeitar a existência do prazer sexual feminino.

O feminismo liberal, ou contratualista, pretende considerar toda a diversidade existente no ramo da prostituição, muitas relatadas neste trabalho por meio das entrevistadas. Se trabalham para subsistência ou para manter luxos; se veem o ofício como algo provisório ou para muitos anos; se escondem a atividade ou não se preocupam tanto com isso; se sentem ou não prazer nos atendimentos aos clientes; são múltiplos os contextos. O fato é que não se pode reduzi-las a um único padrão de identificação.

Cynthia comenta conosco sobre meninas que estão na profissão por ser a única atividade que aprendeu a exercer, por isso, se submetem a situações desagradáveis. “A menina sempre viveu à margem, sempre foi prostituta, a mãe foi prostituta, então ela viveu em um contexto de violência; se o cliente bate nela ela não acha que isso é crime, porque ela acha que ela tem que apanhar mesmo”.

A delegada nos explica que, na maioria dos casos, quando as garotas

de programa são vítimas de violência, elas não registram as ocorrências: algumas por nem ao menos notarem que se trata de um crime; outras por constatarem que sua palavra não teria valor perante um policial. “Elas têm medo de serem revitimizadas, como muitas mulheres são, não só prostitutas”. Como ocorreu com Bárbara no estupro relatado para nós no Capítulo Dois.

Os crimes não registrados se tornam parte da Cifra Oculta, dados que não constam nas estatísticas, os quais a polícia nem se quer acessa. “São aqueles dados que as pessoas nem reportam, por vários motivos”, conta a delegada.

Filha, mãe, avó e puta

Apesar de existirem mulheres que entraram na prostituição por necessidade financeira ou falta de oportunidade no mercado de trabalho, essa não é uma realidade universal, mas um imaginário socialmente partilhado que precisa ser desmistificado.

Cyntia Cristina de Carvalho apresenta em sua dissertação de mestrado, Gabriela Leite, ícone em representação feminina na prostituição, que vê a profissão como uma escolha a qual deve ser declarada com muito orgulho, não rodeada de censuras ou vista como um tabu. Em um trecho citado por Cyntia, Gabriela declara: “Entrei na prostituição por rebeldia e desobediência à regra geral das coisas. Hoje, demonstro essa mesma rebeldia e desobediência, quando digo que gosto do trabalho de prostituta. Pago um preço por isso, um preço sério e pessoal.

Quando me apresentam como ex-prostituta, imediatamente corrijo”. E continua: “As pessoas adoram me chamar de ex-prostituta, chega a ser um cacoete social, e eu sempre tenho que corrigir. Há questões clássicas em relação a mim: me chamar de ex-prostituta; dizer que sou uma mulher que deu certo; e perguntar-me: ‘Se você gosta tanto de ser prostituta, por que saiu?’ Gosto de responder a cada uma delas. Ex-prostituta eu não sou e nunca vou ser. Como um arquiteto não deixa de ser arquiteto, um médico não deixa de ser um médico, mesmo trabalhando em outra atividade sempre vou ser prostituta”.

Nascida em uma família com raízes conservadoras, filha de uma dona de casa e de um crupiê, Gabriela Leite cresceu em São Paulo. Lá, chegou a cursar filosofia na Universidade de São Paulo (USP), trabalhar em um escritório e frequentar ambientes da classe média alta intelectual paulistana. Largou tudo para viver da prostituição. Atuou como garota de programa em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Em 1987, organizou o Primeiro Encontro Nacional das Prostitutas e daí em diante não parou mais, a vida como ativista tinha só começado. A ONG DaVida foi uma de suas primeiras criações. Com o objetivo de lutar por direitos de mulheres profissionais do sexo, a organização não governamental ganhou visibilidade Brasil afora. A marca de roupas Daspu (cujo nome fazia referência a uma grife chamada Daslu¹⁶) também foi um empreendimento de Gabriela que serviu, inclusive, como subsídio à DaVida - ONG que, por sinal, funciona até hoje, outubro de 2019.

16 Grife brasileira criada em 1958. O título da marca foi pensado a partir do nome de suas donas Lucia Piva e Lourdes Aranha. Com a criação da Daspu, a Daslu ameaça processar a ONG fundadora por plágio ao nome utilizado mas, sem apoio popular, arquiva o caso.

Gabriela Leite faleceu em 2013, aos 62 anos, vítima de um câncer. Deixou, além do legado, um livro. *Filha, Mãe, Avó e Puta* conta um pouco sobre sua história de vida e suas lutas pela categoria de prostitutas. Há também um projeto de lei, o qual falaremos mais adiante, que carrega o seu nome.

Sociedade, moralidade e desvio

Segundo o dicionário online Michaelis, moral refere-se às regras de conduta e aos costumes estabelecidos e admitidos em determinada sociedade, que é conforme os princípios éticos aceitos socialmente.

Acontece que, por vezes, a moral se modifica conforme muda o tempo e os costumes de um grupo. “Em outras culturas, as prostitutas eram consideradas as vestais, elas faziam sacrifícios pros deuses, elas faziam sexo com os sacerdotes para os deuses. Elas eram cultuadas ao invés de serem desprezadas”, comenta a delegada Cynthia, em entrevista, ao ressaltar a mudança do olhar social acerca da prostituição.

Além da própria mudança social, os valores morais variam entre agrupamentos, comunidades, incluindo os que fazem parte de uma mesma geração. “Uma sociedade tem muitos grupos, cada qual com o seu próprio conjunto de regras, e as pessoas pertencem a muitos grupos ao mesmo tempo. Uma pessoa pode infringir as regras de um grupo pelo próprio fato de ater-se às regras de outro”, expõe Becker. Com tamanha diversidade, quem seria então o desviante?

Algumas normas e padrões sociais são admitidas pela maioria,

principalmente quando impostas por um coletivo capaz de legitimar certos pontos de vista junto à opinião pública, como bem colocava Bourdieu, no livro *Questões de sociologia*. Acontece que, optar por adotar regras embasadas apenas em aspectos morais, pode levar a uma verdadeira miopia social. Avaliar, por exemplo, a atuação de acompanhantes sob a ótica conservadora, apaga por completo a experiência particular de cada mulher dentro de seu respectivo contexto profissional.

Rotular alguém como desviante não é algo simples. Segundo Becker, esse processo é resultado não só do ato de um indivíduo como da forma como essas pessoas interpretam e adotam este ato. A qualificação do desvio varia de acordo com o contexto no qual ela se insere. “O mesmo comportamento pode ser uma infração das regras num momento e não em outro; pode ser uma infração quando cometido por uma pessoa, mas não quando cometido por outra”, exemplifica Becker ao mencionar estudos a respeito da delinquência juvenil. Segundo o autor, meninos de classe média ou alta, por exemplo, quando detidos, não chegam tão longe em processos judiciais quanto os que vinham de bairros miseráveis. No Brasil, a realidade não é diferente. Segundo pesquisa divulgada pelo Datafolha neste ano, 2019, 30% dos brasileiros alegam ter sofrido discriminação devido à classe social¹⁷.

Trazendo esse debate para a realidade da prostituição, é como se a sociedade escolhesse, por algum motivo, rotular a venda do sexo e os profissionais envolvidos como os *outsiders*. Mas qual o contexto

17 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/16/datafolha-30-dos-brasileiros-dizem-ter-sofrido-preconceito-por-cao-da-classe-social.ghtml>, acesso em 17 de outubro de 2019.

que a leva agir dessa maneira? Quem são, de fato, esses rotuladores? Seriam homens (talvez alguns até fregueses assíduos)? Seriam outras mulheres? Seriam as agremiações cristãs? Seria o Estado? Seríamos todos nós? A seguir, falaremos sobre olhares rotulados socialmente frente à prostituição.

Um olhar religioso

A moral seguida pela sociedade muitas vezes se pauta pela religião, no Brasil, em sua grande maioria, Cristã. Entramos em contato por *e-mail* com algumas igrejas e centros espíritas para escutar e entender a visão dessas instituições acerca da prostituição.

Várias agremiações contatadas não nos responderam, outras se mostraram prestativas e colaboraram. Para nossa surpresa, duas delas já realizaram projetos voltado para as garotas de programa.

Uma dessas instituições é a Irmandade Metodista Ortodoxa em Brasília, IMO CASA. Mylana Bittencourt Gomes uma das representantes que participou do projeto, nos conta que “psiquicamente falando, é comprovado que uma grande parte das pessoas que atuam nessa prática adquirem traumas de natureza idêntica a traumas de pessoas que estiveram em guerras ou sofreram grandes catástrofes”. O modo como interpreta a bíblia, faz com que ela acredite que “a posição da igreja seja contra a profissionalização de uma atividade que bem nenhum traz para o seu agente”.

Mylana Gomes explica que a IMO, contudo, prefere não recriminar as profissionais do sexo. Mesmo pregando que devem sair da profissão,

sua igreja acredita na importância de “dar a mão para que passem a se ver como mulheres ‘dignas’ e com talento e potencial de vencer na vida exercendo trabalhos que se harmonizem com suas aptidões naturais, seus sonhos e oportunidades que o mercado oferece”.

Ao tentar contato também com a Igreja Católica, o único retorno que tivemos foi da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A resposta não trazia muitas informações, mas prometia nos transferir para o Bispo responsável pela Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM). Ao menos já sabíamos da existência de um projeto voltado para este público.

Sem nenhum retorno do Bispo Referencial, como era designado o responsável pelo projeto resolvemos ir por conta própria atrás de outros representantes da Pastoral. Mesmo conseguindo um contato, não tivemos sucesso no diálogo e, tivemos de recorrer às informações do site institucional da PMM¹⁸.

Segundo o site, pesquisas feitas pelo Frei Jean Pierre, em parceria com o estado de São Paulo, apontaram que, no ano de 1956, os estados do Maranhão, Ceará, Piauí e Pernambuco tinham um alto índice de prostituição, chegando, em Recife, à média de uma, a cada dez mulheres trabalhando no ramo. Nesse contexto, Dom Antônio Batista Fragoso, bispo do Maranhão, iniciou a criação, em 1963, da atual Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM). Mesmo formada com um cunho de vitimização das prostitutas, a Pastoral foi um dos mecanismos usados pelas profissionais para ganhar voz e espaço em lugares ainda sem abertura.

18 Site institucional da Pastoral da Mulher Marginalizada. <<https://www.pmm.org.br>>. Acesso em 06/10/2019.

A fim de “acompanhar mulheres na construção de novas relações consigo mesmas, com o outro, com a natureza e com Deus para que ‘tenham vida em plenitude’ (Jo 10,10)¹⁹”, a PMM foi pensada como método de aproximação entre igreja e garotas de programa.

Hoje, a Pastoral tem como objetivos conscientizar e sensibilizar as mulheres acerca de seus direitos; incentivar o protagonismo feminino; oferecer condições de gerenciamento de renda para aquelas que querem deixar a prostituição; e viabilizar uma rede de parcerias com organizações, governamentais ou não, em defesa dessas mulheres (sistema de denúncias acerca de situações de violência, feminicídio, tráfico de pessoas e exploração).

Já a denominação Testemunhas de Jeová nos afirmou, por *e-mail*, que todos são bem-vindos e recebidos com igual interesse nas reuniões. A questão é que, para além da hospitalidade da igreja, os ideais da instituição influenciam fortemente na escolha de um templo para professar a fé.

No site da agremiação é possível acessar os textos sobre a prostituição e a homossexualidade - ambas tratadas a partir da lógica da imoralidade sexual: “Tradução do grego porneía, um termo genérico para descrever todas as formas de relações sexuais ilícitas. Inclui adultério, prostituição, sexo entre pessoas não casadas, homossexualismo e bestialidade. No livro de Apocalipse, o termo é usado para descrever simbolicamente as ações de ‘Babilônia, a Grande’. Comparada a uma prostituta religiosa, ela se envolve com os governantes deste mundo para obter poder e riquezas”.

19 Passagem bíblica: Evangelho segundo João, capítulo 10, versículo 10.

A prostituição é, portanto, vista de forma negativa por essa religião. No glossário do mesmo site, a prostituta é classificada como uma “Mulher que tem relações sexuais fora do casamento, especialmente por dinheiro”. “A Bíblia também fala de homens prostitutos. A prostituição era condenada na Lei mosaica, e a renda de uma prostituta não era aceitável como contribuição para o santuário de Jeová, em contraste com as práticas pagãs de usar prostitutas e prostitutos no templo para ganhar dinheiro. A Bíblia também usa o termo simbolicamente para se referir a povos, nações ou organizações que dizem ser adoradores de Deus, mas se envolvem em alguma forma de idolatria”.

“Sexo para o espiritismo é força criadora sublime e expressão de amor e prazer, alegria e bem-estar”, afirma, em entrevista, o centro espírita kardecista Nosso Lar. Por isso, acreditam que o sexo não pode ser entendido como um “produto afeito à comercialização”. Porém, “como um espírito que faz uso de seu livre arbítrio, acertado ou não, nossas escolhas geram consequências igualmente acertadas ou não”. E ressaltam: “como qualquer pessoa, as mulheres que escolheram o sexo como profissão devem ser respeitadas, amparadas como indivíduos”.

“Somos contra a profissionalização da prostituição, pois entendemos que o sexo foi feito por Deus para dois propósitos. O primeiro, reprodução humana. O segundo, para o prazer entre um homem e mulher que decidiram se casar”, afirma a Igreja Batista Águia, localizada em Minas Gerais, em resposta às nossas perguntas enviadas por *e-mail*. Sobre o tratamento do templo para com garotas de programa, eles afirmam tratá-las “com amor e respeito”: “A Bíblia nos ensina a não fazer aceitação de pessoas, pois Deus também não faz. O próprio

Jesus teve encontro com prostitutas”, explicam, referindo-se à personagem bíblica Maria Madalena.

Maria foi uma das discípulas de Jesus Cristo, que segundo a Bíblia no capítulo oito, versículo dois do evangelho de Lucas, foi uma das mulheres curadas de possessão demoníaca por Jesus: “Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios”. Existe um debate dentro da comunidade cristã em que alguns acreditam que Madalena era prostituta e outros, não.

O retrato de prostitutas em filmes

A personagem Bíblica, Maria Madalena, foi tema central do longa metragem lançado em 2018, dirigido por Garth Davis. O filme baseou algumas partes da história no “Evangelho de Maria” que não consta no Novo Testamento bíblico e é considerado uma heresia para alguns cristãos, publicado na década de 1950, escrito pela própria protagonista provavelmente no século II.

Maria, interpretada pela atriz Rooney Mara não é retratada como prostituta nem como amante de Jesus, representado, no filme, por Joaquin Phoenix. A história conta que a imagem de Madalena foi divulgada de forma errônea quando o papa Gregório juntou três personagens bíblicas em uma só, passando a ideia de que a pescadora era também alguém que necessitava do perdão de Cristo. O filme de Davis apresenta a Maria Madalena protagonista, diferente da versão observada e descrita pela versão masculina da história bíblica.

Já mencionado neste livro, *Bruna Surfistinha* é um outro filme sempre apontado quando abordado o assunto de prostituição. Dirigido por Marcus Baldini, o filme é baseado no livro campeão de vendas *O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*. Ambas as obras contam a história de Raquel Pacheco, ex-prostituta que fez fama com a atuação.

Personagem interpretada por Deborah Secco, Bruna era adotada por uma família da classe média alta de São Paulo. No convívio familiar, sempre teve boas condições financeiras e de estudo mas, segundo a própria Raquel, não tinha uma relação saudável com o irmão, filho de sangue dos pais adotivos. Descoberta a adoção, Bruna resolve sair de casa a fim de tocar sua própria vida, sem depender financeiramente de ninguém. Assim, resolve trabalhar com a venda do sexo.

O filme mostra que o início na profissão não foi fácil. Bruna ganhava pouco, trabalhava muito, vivia em situação precária - principalmente se comparado à antiga vida que levava, e acabou se envolvendo com drogas. Com as economias acumuladas por meio dos programas, ela consegue alugar um apartamento e passa a atender clientes com poder aquisitivo maior. Resolve criar um blog para falar sobre a sua rotina de trabalho, o que traz grande visibilidade para o seu negócio.

Após mais de três anos de atuação e cerca de cinco mil programas realizados, Raquel se casa com um cliente e escreve um livro. Hoje não é mais casada, trabalha como DJ e empresária. Seu pai faleceu sem voltar a falar com a filha, a qual continua sem contato com o restante da família, que nunca aceitou a escolha pelo ofício.

A prostituição nas telenovelas

Entramos em contato com a Rede Globo a fim de conseguir informações sobre telenovelas que tivessem temáticas ou personagens relacionadas à prostituição. Infelizmente, a resposta que tivemos foi que, para esse tipo de dado, o contato seria possível apenas se “o objeto de estudo fosse a Globo e os seus programas”. Ainda assim, resolvemos citar duas obras, mesmo que sem noções detalhadas de como foi para o autor trabalhar com o tema, por exemplo.

Uma delas é *Verdades Secretas*, produção audiovisual que trata da prostituição ainda com um enredo bastante romanceado. Escrita por Walcyr Carrasco, a novela das 23h, tratou, em 2015, sobre o ramo da moda atrelado à prostituição de luxo.

A narrativa conta a história de Arlete, uma jovem que vem do interior para a capital de São Paulo com a mãe. Ao chegar na cidade, muito sonhadora, participa de um *casting* para uma agência de modelo e é selecionada para o catálogo da empresa. Em pouco tempo, descobre que o trabalho ali teria que ir muito além das passarelas. O chamado *bookê* rosa era uma prática comum entre as modelos da agência, elas eram selecionadas por homens ricos da cidade para atuarem como acompanhantes.

A trama coloca em evidência assuntos muitas vezes silenciados pela sociedade, como a prostituição (inclusive de menores) mascarada pelo ramo da moda, o agenciamento desse serviço por terceiros, o luxo envolvido em torno da venda do sexo, a alta sociedade e políticos envolvidos como clientes e financiadores da área e o uso de drogas,

como possível braço desse sistema. A telenovela rendeu tanta audiência que a emissora promete exibir uma sequência em 2021, já com parte do elenco aprovada neste ano.

Inspirada na história de Ana Lúcia, empregada doméstica aliciada e traficada para Israel para trabalhar como prostituta, a novela *Salve Jorge* também foi uma das produções da Globo que abordou o tema da prostituição.

Escrita por Glória Perez, a telenovela tratou de uma rede de tráfico internacional de pessoas cujas vítimas eram levadas para diversos países (entre eles, a Turquia) para trabalharem, não por opção, com a venda do sexo.

Salve Jorge, ao relacionar prostituição e tráfico de pessoas, traz à tona duas questões distintas, a primeira, a venda do sexo e a segunda, a exploração sexual. Os dois casos são motivos de debate quando se fala da regulamentação da profissão. Segundo o texto do Projeto de Lei de Jean Wyllys (que falaremos mais no capítulo seguinte) é “importante frisar que a profissão do sexo difere da exploração sexual”. Enquanto a profissão do sexo é feita com autonomia por parte do profissional, a exploração sexual lima essa independência (situação exemplificada na telenovela).



POLÍTICAS PÚBLICAS E REGULAMENTAÇÃO

Do ponto de vista de políticas públicas, o debate sobre prostituição é complexo e envolve questões como: as diferentes modalidades da profissão, os meios de atuação das prostitutas (se em sites, se nas ruas, se em casas noturnas etc.); as razões pessoais de cada profissional por optar pelo ofício; a variedade de profissionais em gênero, raça e condição social; as lutas da categoria entre outros. A inexistência de uma legislação que defenda e intitule os direitos dessas profissionais – levando em conta toda a sua diversidade, acaba por marginalizá-las, resultando em efeitos danosos a elas.

“O Brasil vive hoje uma situação paradoxal, marcada historicamente pela alternância de períodos de tolerância e períodos de controle e repressão à prostituição”, comenta Lucas Bernardo em seu trabalho de conclusão de curso para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Apesar da venda do sexo não ser ilícita em nosso país, as atividades que assessoram o seu funcionamento são classificadas como lenocínio, portanto, como criminosas. O rufianismo, articulação que

objetiva lucrar em virtude da exploração de prostituição alheia, é previsto no artigo 230 do Código Penal Brasileiro. Em outras palavras, atuar como cafetão ou usar espaços para estimular e arrecadar fundos, em cima da venda do sexo por terceiros, é crime.

Três poderes, um mercado

No ano de 2013, o Ministério da Saúde realizou campanha com o intuito de reduzir o estigma em torno da prostituição, principalmente com a associação que se dá entre as garotas de programa e o vírus HIV. Tendo como ponto de partida o Dia Internacional das Prostitutas²⁰, 2 de junho, o órgão circulou em redes sociais vídeos e *folders* com fotografias de profissionais do sexo e frases como “Não aceitar as pessoas da forma que elas são é uma violência” e “Prostituta que se cuida usa sempre camisinha”. Todas as peças veiculadas foram produzidas em uma oficina de comunicação em saúde para trabalhadoras sexuais de João Pessoa, na Paraíba.

O trabalho, realizado à época pelo Poder Executivo, foi criticado por parlamentares e pelo Judiciário. A reação conservadora levou à exoneração do diretor da campanha. “Este evento se caracterizou

20 Data para reflexão social acerca da discriminação das prostitutas, as suas condições precárias de vida e de trabalho e a sua exploração. No dia 2 de julho de 1975, cerca de 150 prostitutas ocuparam a igreja Saint-Nizier em Lyon, na França, em protesto contra a intensa repressão policial que sofriam. Tanto a igreja quanto a população da cidade apoiaram a manifestação que se espalhou por outras cidades da França e, futuramente, se tornou data representativa do movimento.

como um desastroso retrocesso acerca do fomento e implementação de políticas públicas de saúde voltadas a populações consideradas “vulneráveis”, como é o caso das trabalhadoras sexuais”, pontua Lucas Bernardo Dias, em seu trabalho de conclusão de curso.

Bancadas religiosas, por carregarem bandeiras de caráter moral, influenciam na esfera política contra a discriminação da profissão. É o caso das propostas apresentadas pelo deputado federal Flávio Augusto da Silva, do Partido Social Cristão, São Paulo, conforme informações publicadas pelo projeto jornalístico Colabora em matéria do dia 17 de dezembro de 2018.

Flavinho, como é conhecido, é autor de dois projetos de lei que dificultariam a atividade caso entrassem em vigor. Em um deles, o intuito é retirar a descrição “profissionais do sexo” da Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho. Este direito é garantido às profissionais desde 2010, permitindo que se cadastrem no INSS²¹ e possam ter acesso à aposentadoria e auxílio-doença.

Já o Projeto de Lei 6127/2016 criminaliza o consumo da prostituição. O projeto pretende incluir no Código Penal pena de seis meses a um ano de prisão e multa para aquele que “acordar ou contratar pessoa, por qualquer meio, mediante pagamento ou promessa de recompensa, com intuito de obter conjunção carnal ou a prática de outro ato libidinoso”.

O movimento agora é contrário ao que se buscava nos anos precedentes. Como citado no Capítulo Quatro deste livro, para a sociedade

21 Instituto Nacional do Seguro Social

pouco importa quem são os clientes, importa que as ruas não estejam lotadas de prostitutas; importa que não tenham que dividir espaços e direitos com elas. “Joga bosta na Geni²², tira todas as Genis daí. E aí, como que faz? Que direito elas têm agora? Onde?”, argumenta a nós a delegada-adjunta da Decrin. “Direito é só uma linguagem, um instrumento para exercício do poder”, mas o uso desse poder é variável e as intenções dependem de quem está à frente dele.

Constantemente a mídia trata de envolvimento de representantes do Estado com a prostituição, seja no uso do serviço ou até mesmo no comércio. “Em conversa grampeada, senador põe gabinete à disposição de prostituta”, apresenta a manchete do jornal *Metrópoles* de 11 de julho, de 2017²³. “Irmão do doleiro Fayed administra esquema de prostituição de luxo”, *Metrópoles*, 2017²⁴. “Fardados, PMs transportam prostitutas em viaturas e deixam boate do DF com cervejas – Semanalmente, mesmo durante o expediente, militares passam as madrugadas dentro da Alfa Pub, no Setor Hoteleiro Sul”, *Metrópoles*, julho de 2019²⁵.

O autor dessas notícias é Carlos Carone, com quem entramos em contato logo que decidimos o tema de nosso trabalho. O jornalista

22 Referência à música de Chico Buarque, Geni e o Zepelim, presente no musical Ópera do Malandro. A música permite diferentes interpretações, mas o fato é que, devido aos hábitos sexuais de Geni, ela era oprimida e rejeitada pela população, até que um dia, seu sexo foi o que salvou a cidade da destruição. Ainda assim, após o heroísmo de Geni, a cidade repetia “Joga pedra na Geni, joga bosta na Geni”.

23 <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/policia-civil-investiga-rede-de-prostituicao-de-alto-luxo-no-df/amp>>, acesso em 8/10/2019.

24 <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/irmao-do-doleiro-fayed-administra-esquema-de-prostituicao-de-luxo?amp>>, acesso em 8/10/2019.

25 <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/fardados-pms-transportam-prostitutas-em-viaturas-e-deixam-boate-do-df-com-cervejas>>, acesso em 8/10/2019.

produziu uma série de matérias sobre a prostituição no Distrito Federal, tendo visitado casas noturnas e denunciado atividades ilegais. Ao pedirmos sugestões de abordagem ou indicação para facilitar nosso primeiro contato, ele explicou que não era a pessoa mais indicada para isso: “Eu atuo para fechar as casas e acabar com os esquemas”.

Recentemente, alegando se tratar de *fake news*, João Dória, atual governador de São Paulo, aparece protagonizando vídeos de orgias com garotas de programa. As imagens vazaram no período de eleição, em outubro de 2018. Pelo Partido Republicano da Ordem Social, PROS, Oscar Maroni Filho, concorreu a deputado federal. O empresário é dono de uma casa de prostituição na cidade de São Paulo chamada Bahamas Night Club. Em 2017, foi acusado pelo Ministério Público de São Paulo de praticar os crimes de “favorecimento da prostituição e manutenção de casa de prostituição”, dos quais Maroni foi absolvido²⁶.

De acusações a envolvimento comprovados, poderíamos relatar inúmeros casos, o fato é que, os próprios clientes, dentre eles, políticos e policiais, tratam publicamente a prostituição como um perigo e desordem social e as prostitutas, como mulheres que não merecem direitos algum. “Porque elas estão à margem, então as pessoas entendem que é justificável violentá-las”, analisa Cyntia Cristina de Carvalho em entrevista.

A delegada aponta a falta de direitos como consequência da marginalização da atividade: “Se eu começo a ver a prostituição como uma profissão, como qualquer outra, ela não vai ser mais marginalizada.

26 < <https://www.conjur.com.br/2017-out-09/turma-stj-absolve-oscar-maroni-manter-casa-prostituicao>>, acesso em 7/10/2019.

Então eu retiro ela da clandestinidade, dessa margem da sociedade e posso trazer direitos para ela”.

A mulher da vida rumo ao reconhecimento social

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é o documento que define os exercícios profissionais do atual mercado de trabalho brasileiro. A normalização dessas profissões foi resultado de uma articulação entre Brasil e a Organização das Nações Unidas, por meio da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A CBO foi criada em 1977 com o objetivo de constatar a existência de profissões atuantes no cenário nacional, bem como universalizar os dados desse ofício. A classificação segue sendo atualizada desde então.

A revisão documental do ano de 2002, regulamentada pelo Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), incluiu a profissionalização do sexo como uma das ocupações. Intitulado no documento como “garoto(a) de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta ou trabalhadora do sexo”, o profissional do sexo é agora reconhecido diante de parâmetros nacionais por meio de registros administrativos.

A classificação, disponível no site do Ministério do Trabalho²⁷, traz uma descrição detalhada acerca da profissão. Dados como: formação e experiências necessárias, condições gerais de atuação, atividades e com-

27 Site do Ministério do Trabalho e do Emprego atrelado à Classificação Brasileira de Ocupações: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>>, acesso em 07/10/2019.

petências pessoais para o ofício são alguns dos tópicos mencionados.

A categorização das atividades é feita em cinco frentes: a primeira é buscar programas - incluindo em seu detalhamento, “Agendar programa, produzir-se visualmente e seduzir cliente”; a segunda, minimizar vulnerabilidades - envolvendo “Negociar o uso de preservativos com clientes e administrar orçamento pessoal”; a terceira, atender clientes - mencionando “Negociar tempo de trabalho, manter relações sexuais e acolher o clientes”; a quarta, acompanhar clientes - com “Jantar com cliente e acompanhar cliente em viagens”; e última, promover a organização da categoria - incluindo “Participar de ações educativas no campo da sexualidade”.

Dentre competências de uma profissional do sexo, o MTE classifica como fundamentais, entre outras: a capacidade de persuasão, a sensualidade, a aptidão em realizar fantasias sexuais e a sabedoria em reconhecer o potencial do cliente.

Outro projeto de lei estacionado

A normalização ocupacional da profissão não se traduz na sua regulamentação. No Legislativo, muito já se falou acerca da prostituição, mas o debate legal é bem mais complexo do que aparenta ser.

Hoje, o que se tem no Brasil é um Projeto de Lei protocolado em 2012 pelo ex-deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ). O Projeto tem como nome Gabriela Leite, uma homenagem à prostituta já mencionada neste livro, cujo nome teve inclusive participação na revisão

desta proposta legislativa. Jean procurou Gabriela a fim de rever alguns pontos e conhecer a fundo as necessidades da categoria.

O PL Gabriela Leite caracteriza o(a) profissional do sexo como qualquer indivíduo maior de 18 anos, em plena capacidade de suas funções mentais e físicas, que presta, por vontade própria, relações sexuais em troca de dinheiro. O projeto não é a primeira iniciativa que beneficia as prostitutas. Ele dialoga com outros PLs com propostas semelhantes, como o 98/2033 do ex-deputado federal Fernando Gabeira (PT-RJ) (arquivado por não reeleição do candidato), e o 4244/2004, do ex-deputado federal Eduardo Valverde (PT-RO) (retirado de tramitação a pedido do próprio autor).

O reconhecimento estatal da atuação dessas profissionais tem como principal objetivo aumentar a segurança dessas trabalhadoras em seus exercícios ocupacionais. Assim, passariam a usufruir de direitos relacionados à Previdência – com aposentadoria especial com menos tempo de contribuição que o previsto pela CBO –, ao trabalho, à saúde e à segurança. Ademais, poderiam ter respaldo jurídico quanto ao pagamento de seus serviços, ou seja, caso algum cliente se recuse a pagar pelo programa, por exemplo. Como profissionais legais, essas mulheres poderiam alegar quebra de contrato e terem acesso ao poder Judiciário.

Entre as mudanças propostas pelo PL de Willys, estão a possibilidade de as profissionais abrirem cooperativas, a aposentadoria especial (com 25 anos de contribuição) e a regularização de casas de prostituição - desde que não sirvam de exploração sexual das trabalhadoras. Esse último ponto é bastante curioso, visto que hoje muitas casas noturnas funcionam ilegalmente. Em Brasília, muitas atuam como bares e boates

de fachada, enquanto, na verdade, acabam lucrando com os serviços das mulheres. Embora não cobrem taxas das garotas, para sair da casa com alguma mulher, o cliente precisa acertar o valor de sua retirada, como se as acompanhantes fossem verdadeiras propriedades do estabelecimento. Por se tratar de lugares reservados e com fluxo garantido de fregueses, ainda assim, muitas garotas se interessam.

O Estado virou cafetão

O debate acerca da regulamentação é bastante polarizado. Muito se discute a respeito da real efetividade desse tipo de lei. Para as garotas entrevistadas, devido ao preconceito e à moralidade enraizados na sociedade, na prática seria diferente do proposto pela lei. Ao relatar ser violentada em um dos atendimentos, por exemplo, como já relatamos no primeiro capítulo deste livro, Bárbara contou não ter denunciado os abusos porque não queria se identificar como prostituta na delegacia. Isso, por cogitar a possibilidade da sua profissão a descredibilizar perante os policiais. Esse tipo de situação não necessariamente sofreria mudanças com uma nova lei.

Algumas pessoas afirmam que a regulamentação da prostituição em outros países são exemplos do fracasso do posicionamento de que a prostituição seria um trabalho como outro qualquer. As normas teriam potencializado atos de violência ao enviar um sinal social de que essas mulheres seriam mercadoria. De acordo com o projeto Exit Prostitution - desenvolvido pela Plataforma Portuguesa para

os Direitos das Mulheres em parceria com o Lobby Europeu das Mulheres, formado por jovens feministas abolicionistas -, o Estado de Nevada (EUA), onde o proxenetismo foi descriminalizado, registra a mais alta taxa de violações sexuais em comparação com os outros estados norte-americanos. Segundo estimativas expostas pelo projeto, na Alemanha, apenas 44 pessoas se inscreveram como profissionais do sexo, entre as 400 mil pessoas que exercem a atividade. Ou seja, legalizar a prostituição (ou descriminalizar o trabalho sexual e, portanto, o proxenetismo) não alteraria o estigma sobre as pessoas que exercem esse tipo de prática

Para a corrente feminista radical, a lei reforçaria a ideia de mercantilização do corpo. Esse pensamento conversa com visões religiosas que tratam o corpo como algo a ser respeitado, não vulgarizado. Além disso, muito se fala sobre o interesse da regulamentação do serviço apenas por envolver uma grande movimentação de capital, principalmente em cidades turísticas brasileiras. Esse é um debate que ganha vida em épocas de megaeventos no país.

Exemplo disso são os grandes torneios de futebol. Previamente à Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, muito se falava a respeito dos possíveis impactos que o evento traria para o mercado do sexo. O blog da Marcha Mundial das Mulheres foi uma das organizações que se pronunciaram, “Na Copa da exploração, quem ganha é o cafetão”, diz um cartaz exibido no site. Para o grupo, o projeto de lei era como uma “hipocrisia”. “Ao contrário de promover os direitos e a autonomia econômica das mulheres, visa suprir uma necessidade da indústria sexual, que juntamente com as grandes corporações, busca utilizar o

corpo das mulheres para faturar altos montantes em grandes eventos como a Copa do Mundo”, declararam.

Entre as entrevistadas, nenhuma se apresentou favorável ao PL de Willys. Letícia alega que a regulamentação traria uma visibilidade que nem sempre é desejada. “Não daria certo por causa do preconceito”, afirma ao dizer que a exposição pioraria a situação das trabalhadoras, principalmente das que escondem o ofício.

Veronika resume a maioria dos pensamentos expostos nas entrevistas: “Minha irmã, se você regularizar isso aqui no Brasil, você vai ter que pagar imposto pro governo”. Segundo ela, a lei não traria muitas modificações, “Vai ser a mesma coisa do governo está sendo cafetão”.

Mesmo vendo a necessidade de alguma iniciativa governamental que as proteja, Bárbara não acredita que a regulamentação seja a melhor alternativa. “Eu acho que deveria existir mais respeito das pessoas, deveria existir uma lei onde a gente tivesse algum respaldo”, comenta. E logo contesta: “Mas eu não queria que fosse regularizado porque a gente teria que pagar imposto, declarar renda”. A garota acredita que isso dificultaria o trabalho ao reduzir a arrecadação dos rendimentos. “A gente ia ter que acabar trabalhando ilegal, e aí ia virar um crime”.

Por outro lado, a delegada Cyntia Cristina de Carvalho acredita que a regulamentação poderia corroborar à associação entre profissionais no uso de locais compartilhados, por exemplo. Dessa forma, eles não seriam enxergados como profissionais ilegais. “Hoje, se um policial faz uma batida em um apartamento que está sendo usado por mais de uma prostituta para trabalhar, quem é que decide se aquilo ali é ou não Casa de Prostituição? Sinceramente, vai depender da vontade de um

agente público”, comenta ao dizer que o código atual deixa brechas de interpretação acerca dos crimes citados.

Pensando em leis trabalhistas, Roberto, um dos clientes mencionados no livro, enxerga a regulamentação como oportunidade de proteger os profissionais do sexo de abusos e outras irregularidades decorrentes do mercado em que se inserem, supõe ainda a criação de um sindicato para a categoria. “Sendo um trabalho como qualquer outro, tem que ter meios de regulamentar essa profissão, até porque, não que o resto da galera vá se aposentar agora com essa reforma (da previdência social), mas as prostitutas têm que ter o direito de conseguir, assim como a gente pode um dia, quem sabe, talvez, se Deus quiser, aposentar”, comenta. “Obviamente que elas vão ter que contribuir, vão ter que tirar um pouquinho do lucro delas, mas é o que acontece com todo mundo”.

Exercício arbitrário das próprias razões

De acordo com o jurista Rogério Greco no *Código Penal Comentado*, publicado em janeiro de 2017, “fazer justiça pelas próprias mãos tem o significado de agir por si mesmo, de acordo com a sua própria vontade, não solicitando a intervenção do Estado, responsável pela aplicação da justiça ao caso concreto”. É disso que trata o assunto previsto no artigo 345 do Código Penal brasileiro, tendo pena de detenção de 15 dias a um mês ou multa para o autor do crime.

A questão é que, caso um cliente descumpra o contrato verbal com

uma garota de programa negando-se a pagar pelo serviço prestado, a menina ao subtrair o celular, relógio, cordão, ou qualquer outro objeto do freguês como pagamento pelo programa, não tem o ato enquadrado como furto, que levaria a uma pena muito maior.

“O Superior Tribunal de Justiça reconheceu que isso era exercício arbitrário, é como se houvesse um início de reconhecimento das atividades de prostituição: ela realizou um contrato e resolveu pegar o dinheiro que achava justo”, Cynthia comenta conosco.

O Estado deve garantir o bem-estar físico, mental e social da população por meio de um conjunto de medidas chamado de Saúde Pública. Por que, então, o Ministério da Saúde sofreu sanções em 2013 quando executou uma campanha em prol da saúde de garotas de programa?

Entramos em contato com o assistente social, professor e deputado distrital eleito em 2018 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Fábio Félix. Ao expressar-se sobre a prostituição no Brasil, o deputado confessa existir um “total abandono do Estado em relação às trabalhadoras do sexo”. Devido a preconceitos que enfrentou ao longo da vida por ser homossexual, hoje o deputado promove debates que favoreçam cidadãos em vulnerabilidade social²⁸. “O Estado deve oferecer serviços sociais específicos a essa categoria profissional, como saúde preventiva, segurança pública e fomento à auto-organização profissional”, afirma. Ele defende que o acolhimento deve ser dado principalmente àquelas que entraram na profissão de forma compulsória, por não terem outra oportunidade.

Às mulheres travestis e transgêneros, Fábio menciona como

28 <<https://fabiofelix.com.br/>>, acesso em 9/10/2019.

exemplo positivo o Projeto Reinserção Social Transcidadania, realizado pela prefeitura de São Paulo. Ele tem como proposta fortalecer as atividades de colocação profissional, reintegração social e resgate da cidadania para pessoas trans em situação de vulnerabilidade²⁹.

Onde estão as pacientes?

Questões como saúde e bem-estar das profissionais do sexo são pautadas quando se fala sobre regulamentação da atividade. Para além da saúde sexual e física, o debate também deve incluir a saúde mental das garotas de programa. Uma possível regulamentação não, necessariamente, protegeria as mulheres de estarem expostas a assédios de clientes, por exemplo, e esse é um risco que também precisa de atenção. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia a nossa saúde mental e física³⁰.

Em relação à saúde pública e gratuita, não há nenhum atendimento em Brasília específico para pacientes prostitutas. Já para pessoas transexuais, encontramos o Ambulatório Trans, localizado no Hospital Dia, Unidade Básica de Saúde localizada na Asa Sul, que presta Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids. No Ambulatório, o

29 <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento/cursos/operacao_trabalho/index.php?p=170430>, acesso em 9/10/2019.

30 OMS 1992.

atendimento é voltado às necessidades específicas da população trans, com equipe multiprofissional nas áreas de assistência psicológica, psiquiatria, serviço social, endocrinologia e enfermagem.

“O ambulatório atende mulheres trans que se prostituem?”, perguntamos à Leonor de Lannoy, enfermeira e responsável local pela PrEP. “Atenderia se elas viessem, né?”. A enfermeira explica que a maioria das profissionais do sexo que começam tratamentos, seja de transição de gênero ou de profilaxia da Aids, desistem. “Elas não querem continuar aqui porque acham isso aqui muito burocrático, elas querem o endócrino, não o psicólogo”. Muitas vezes, no atendimento com o endocrinologista, as garotas de programa se frustram, pois, por terem grande preocupação com o corpo, acham que precisam de elevadas doses de hormônios, assim, o que o médico prescreve não condiz com as expectativas. “Para fazer a cirurgia pelo Sistema Único de Saúde (SUS), você tem que fazer dois anos de acompanhamento em um centro especializado. Só que aqui no DF, não se faz cirurgia. Assim, elas desistem e começam a tomar hormônio por conta própria, colocam silicone industrial”.

Outro ponto que dificulta o atendimento às prostitutas no ambulatório é a rotina incerta. Visto que a consulta se dá com hora marcada, o que, para Leonor, é uma qualidade no serviço, as garotas acabam por não aparecer. “A gente não sabe como ela está, como foi a noite anterior, se ela vai conseguir chegar”.

Ao perguntarmos à Leonor se os tratamentos são de fato conhecidos pela população, ela afirma que informações sobre a PrEP, por exemplo, não chegam a comunidades mais pobres e vulneráveis.

Segundo a enfermeira, a maior parte dos pacientes, homens de classe média alta, já chegam ao ambulatório conhecendo os procedimentos. “Porque já estavam esperando, já sabiam que nos Estados Unidos já tinha, viaja e sabe que na Espanha distribui assim, assim, assado”. Mas não é a realidade de todos. “Para quem está na periferia, não vai chegar essa informação”.

Existem alguns projetos voltados à disseminação de informações sobre saúde sexual. “Mas se divulgar, não tem onde atender”, comenta Leonor. “Eu já tenho fila sem divulgar”, completa. Ao mencionar uma iniciativa articulada junto à Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, a enfermeira conta que eles vão em eventos nas “populações chaves”, explicam os tratamentos, despertam o interesse das pessoas, mas que ficam de mãos atadas quando perguntados: “Eu quero, como é que eu faço?”. “É horrível fazer prevenção assim”, desabafa. “Você fala que tem uma alternativa, mas que não tem como atender”.

Com base em observação no dia a dia de trabalho, Leonor acredita que a prostituição era a alternativa de emprego que restava às mulheres trans de gerações mais velhas, dos anos 1980 e 1990. Segundo ela, hoje em dia, uma menina trans têm apoio da família. “Elas estão numa fase que, mesmo com bastante dificuldade, a exclusão já acontece com menos frequência, pois as famílias procuram aceitar. Antes era o jeito de sobreviver, como única opção de emprego”.

O destaque da unidade básica de saúde é a disponibilização, quando necessário e indicado ao paciente, da Profilaxia pré-exposição, a mesma usada por Veronika para a prevenção da Aids. Entretanto, o acesso ao medicamento pelo governo, de forma gratuita, não é tão simples

como se imagina. Segundo Leonor, mais de 750 pessoas compõem a lista de espera atualmente. “A gente tem mulheres trans profissionais do sexo – não tanto quanto a gente gostaria de ter, porque o acesso não é fácil, além de não ter suporte suficiente. É para todo mundo, não só mulheres. É para homens que fazem sexo com homens também”.

O paciente que desejar pode adquirir a PrEP em drogarias, porém, o custo gira em torno de 300 reais em uma caixa de comprimidos que dura apenas um mês. Dessa forma, nem todos os interessados têm acesso. “A PrEP é uma forma de prevenção nova para o Brasil, ainda não está liberada ‘geral’ porque, diferente do remédio para tratamento do HIV, se o paciente quiser retirar o remédio na farmácia popular, o médico da rede privada não pode prescrever. Em contrapartida, o serviço público não tem médico suficiente, porque para atender PrEP, a gente teve que tirar (médicos) do atendimento do HIV”.

Leonor nos diz que a maioria das garotas de programa cisgênero que procuram a PrEP no local, não recebem a indicação – às vezes, elas próprias optam por não usar após a consulta médica. Isso se dá porque utilizam o preservativo em seus atendimentos profissionais. “Só tem indicação de PrEP as que não conseguem negociar o uso do preservativo com o cliente”.

De toda forma, existem exceções. Leonor exemplifica: “Outro dia teve uma menina, 18 anos eu acho, que veio fazer o teste. Com ela, vieram mais três meninas da casa de uma cafetina que fica no Recanto das Emas (cidade satélite de Brasília). Depois de fazer o teste, três tinham (HIV) e uma não. Essa menina de 18 anos ainda não tinha contraído o vírus. Ela, eu mandei vir logo na terça pra tirar a PrEP”.

Fomos a uma farmácia na Asa Sul em que o medicamento já está à venda, seguindo indicação da própria enfermeira. Quando questionado pela PrEP, o vendedor que nos atendeu não soube informar. Pedimos para conversar com a farmacêutica responsável. “Nós queremos saber sobre aquele remédio que é utilizado na prevenção contra a AIDS”, explicamos. “Ah, o Truvada?”, vendo que não sabíamos responder, a profissional nos disse que esse era o nome comercial de um dos medicamentos utilizados como PrEP.

Ela nos informou que no mês de agosto de 2019 a média de venda do fármaco foi de um por dia e que, naquela farmácia, o preço era 312 reais. “A gente vende muito, mas geralmente é para homens gays”, conta.

Segundo informações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o Truvada é um fármaco que pode ser utilizado tanto para tratamento da infecção pelo HIV-1, quanto como profilaxia pré-exposição. Na bula, a indicação dos comprimidos como profilaxia se dão apenas para indivíduos de alto risco, os fatores que ajudam a identificá-los são ter parceiro(a)(s) conhecidamente infectado(a)(s) pelo HIV-1 ou envolver-se em atividade sexual dentro de uma área ou rede social de alta prevalência, e um ou mais dos seguintes: uso inconsistente ou não uso de preservativo; diagnóstico de infecções transmitidas sexualmente; troca de sexo por bens (como dinheiro, alimento, abrigo ou drogas); parceiro(a)(s) com situação desconhecida sobre o HIV-1 com qualquer dos fatores listados anteriormente.

★ ★ ★

AFINAL, O QUE É COMUNICAR?

Conforme apurávamos, nos surpreendíamos. Conhecemos muito sobre a prostituição e, principalmente, sobre pessoas, que assim como nós, têm uma vida por trás do ofício, ambições, amores, problemas e sonhos. Bárbara tem o sonho de se graduar em Direito e ser delegada. “Se Deus quiser, isso vai acontecer”. Juliana, o de passar em um concurso público e voltar a morar na cidade natal. Veronika, pretende se formar em Design de Interiores.

O contato com essas mulheres e com tantas histórias, nos fez amadurecer como comunicólogas. A importância de evidenciar experiências silenciadas nunca foi tão clara para nós. O tato com cada uma delas, a maneira particular de se referir a cada profissional, a intimidade que se cria dentro de um diálogo ou mesmo o quebra-gelo necessário em uma entrevista ou outra, foram momentos que serviram de aprendizado e crescimento para nós, escritoras.

Melhor do que apenas falar, é falar daquilo que te tira da zona de conforto, te surpreende e te impulsiona a buscar e ouvir mais sobre o tema. E quantos outros assuntos suplicam por profissionais que lhes deem voz? Inspiramo-nos na ideia de produzir um livro como trabalho de conclusão de curso após conhecer a obra *Estamos aqui – Histórias de vítimas de conflito no leste africano* de Jéssica Paula, jornalista formada também na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. A então universitária viajou para outro continente e escutou, retratou e nos deu a chance de conhecer pessoas e histórias inspiradoras, que nem sequer imaginávamos existir.

O jornalismo literário foi o que nos permitiu contar histórias que marcam. Histórias que estavam apagadas. Conseguimos, por meio da comunicação, escutar, arrancar lágrimas e também sorrisos. Aprendemos que comunicar é, antes de mais nada, ouvir.

Este livro foi composto nas fontes Garamond e Ubuntu e impresso em novembro de 2019 sobre papel AP 90g/m², capa em papel couché fosco 250g/m² com laminação BOPP fosca. Acabamento em brochura.